

## **CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 10 a 15 de novembro de 2014**

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

### **DESTAQUES DA SEMANA**

A semana tem como destaque sinais de fumaça sobre sugerindo uma possível cartelização do mercado de minério de ferro. Negados pelas grandes empresas, esses sinais se caracterizam pelo paradoxo do aumento agressivo de produção em uma fase de retração de demanda e preços, tida por alguns como um evento “darwiniano” e por outros como uma esterilização do mercado, o certo que a tendência é de haver uma extinção em massa dos produtores marginais.

Pegando gancho nesse primeiro destaque, chamamos a atenção do leitor para uma matéria que trata do futuro das agências reguladoras. Instituídas para permitir uma gestão autônoma e eficaz das atividades econômicas reguladas por concessões, esses órgãos, que deveriam atuar como instituições de fomento, assegurando o equilíbrio do compartilhamento de benefícios entre os chamados “satkeholders”, essas agências de transformaram um mais um nível cartorial-burocrático da já claudicante administração pública brasileira, além de terem perdido eficácia com a intensa politização das decisões referentes aos setores e atividades que deveriam regular.

Esses dois destaques, de importância monumental para o atual momento do Setor Mineral Brasileiro, são os temas que sugerimos para a reflexão dos nossos leitores ao longo da semana que se inicia: (1) como regular cartéis internacionais com ações de políticas públicas nacionais e (2) o realmente que interessa para a eficácia da regulação, a forma ou conteúdo das instituições responsáveis por ela.

***Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados***

**1-10/11/2014**

#### **Rio Tinto rebate tese de expansão combinada com BHP e Vale**

**PEQUIM** - O presidente da Rio Tinto, Sam Walsh, defendeu neste sábado o plano de expansão da oferta por parte da mineradora anglo-australiana e rebateu as críticas de que essa estratégia está sendo um ato coordenado entre os maiores produtores mundiais para repelir a competição, classificando essa tese como “um disparate absoluto”.

Em entrevista ao Wall Street Journal, Walsh disse que a Rio Tinto fez seus planos de expansão “há mais de cinco anos” e afirmou que as sugestões de que a empresa quer empurrar os preços do minério de ferro para baixo, juntamente com outros grandes produtores, não é verdade.

A Rio Tinto e outras grandes mineradoras do mundo estão adicionando centenas de milhões de toneladas de nova capacidade de produção de suas operações, o que tem pressionado os preços do mineral para a siderurgia para o nível mais baixo em cinco anos.

A Rio Tinto, segunda maior mineradora de ferro do mundo, integra trio líder de produtores globais, ao lado da BHP Billiton e da brasileira Vale.

*(Dow Jones Newswires)*

**2-10/11/2014**

### **Destaques**

#### **Rio Tinto nega acordo**

O presidente da Rio Tinto, Sam Walsh, defendeu no sábado o plano de expansão da oferta por parte da minério anglo-australiana e rebateu as críticas de que essa estratégia está sendo um ato coordenado entre os maiores produtores mundiais para repelir a competição, classificando essa tese como "um disparate absoluto". Em entrevista ao "Wall Street Journal", Walsh disse que a Rio Tinto fez seus planos de expansão "há mais de cinco anos" e afirmou que as sugestões de que a empresa quer empurrar os preços do minério de ferro para baixo, juntamente com outros grandes produtores, não é verdade. A Rio Tinto e outras grandes mineradoras do mundo estão adicionando centenas de milhões de toneladas de nova capacidade de produção de suas operações, o que tem pressionado os preços do mineral para a siderurgia para o nível mais baixo em cinco anos. A Rio Tinto, segunda maior mineradora de ferro do mundo, integra trio líder de produtores globais, ao lado da BHP Billiton e a Vale.

**3-10/11/2014**

#### **Mineradora Rio Tinto não planeja reduzir investimento em 2015**

Reuters

PEQUIM (Reuters) - A Rio Tinto não tem planos de cortar investimento de 8 bilhões de dólares em 2015 apesar da queda nos preços do minério de ferro, afirmou o presidente-executivo da mineradora, Sam Walsh, neste sábado.

"Ainda estamos prevendo que nosso investimento ficará em torno de 8 bilhões de dólares no próximo ano", disse Walsh à Reuters.

Walsh afirmou que ele tem ciência das especulações do mercado de que a Rio Tinto, segunda maior produtora de minério de ferro do mundo atrás da Vale, pode estar sendo pressionada para reduzir investimento, mas afirmou que a companhia tem margens elevadas.

O preço do minério de ferro, que representa cerca de 92 por cento da receita da Rio Tinto, caiu 43 por cento este ano, para o menor nível em cinco anos, perto de 75 dólares a tonelada.

"Toda esta volatilidade está acontecendo acima de nosso preço de custo. Temos margens em nossos negócios que nos permitirão continuar a investir e ao mesmo tempo aumentar materialmente os retornos aos acionistas", disse Walsh.

Falando durante a cúpula da organização para Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec), o executivo disse que está confiante em poder cumprir a promessa de premiar os investidores com altos retornos quando da divulgação de resultados anuais, em fevereiro.

**4-10/11/2014**

### **Mineração: a geração de empregos é muito maior do que se imagina**

Todos sabem que a mineração tem um efeito multiplicador expressivo quando se trata da criação de empregos. Em geral calcula-se que para cada emprego direto gerado na mineração outros 14 empregos indiretos são também criados em outras áreas...

Esse número foi calculado no Peru, mas deve ser muito maior. O que faltam são estudos que possam quantificar o real impacto da mineração na sociedade. Existem segmentos que são totalmente dependentes da mineração, mas nunca computados para o cálculo da real influência do setor mineral na geração de empregos.

As indústrias montadoras de veículos, por exemplo. Este é um setor que não sobrevive sem o aço, o vidro e os derivados do petróleo, oriundos diretamente da mineração. No Brasil e no mundo esta indústria é uma das mais importantes, tanto do ponto de vista da geração de empregos como da contribuição ao PIB do país. No entanto, o setor automotivo não é considerado como interligado à mineração. Até o dia em que faltar a matéria prima...

À medida que o assunto é pesquisado novos números surgem e, todos, demonstram, de forma indubitável, o enorme impacto da mineração nas economias dos países onde ela ocorre. Um estudo recente feito pela PriceWaterhouseCoopers entre os fornecedores de equipamentos à mineração na Província de Ontário no Canadá, mostra que somente este setor emprega 40.960 empregos diretos e 27.471 indiretos pagando US\$4,6 bilhões em salários.

Este setor contribui com US\$6,2 bilhões ao PIB de Ontário. Uma contribuição maciça em um país com uma população igual à da Grande São Paulo... O estudo da PWC mostra que para cada emprego criado na mineração outros 2,5 empregos diretos são criados no setor de fornecimento de equipamentos. Imagine só se forem computados todos os setores diretamente ligados à mineração como: construção civil, indústrias de transformação, prestação de serviços, sondagens, laboratórios, alimentação, hospedagem, consultorias, contabilidade, manufaturados, escritórios de advocacia, transportes, suprimentos, construção civil, escolas, importações e exportações, fornecimento de equipamentos etc...

Neste dia a sociedade começará a perceber qual o verdadeiro impacto que a mineração tem na vida de todos nós.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**5-10/11/2014**

### **Nossa história: Minas Gerais é o berço da legislação mineral**

A exploração mineral em Minas Gerais já despertava interesses bem antes de a atividade alcançar as produções em larga escala. Há 410 anos, quando a região começava a receber expedições em busca de metais preciosos, a Coroa Portuguesa tratou de criar uma forma de resguardar as riquezas prometidas por aqueles que chegavam nas novas terras e percebiam o potencial no solo da região. Em 15 de agosto de 1603, foi lançado o Regimento das Terras Minerais, primeiro documento tratando da atividade minerária, que anos mais tarde daria nome ao próprio estado.

O texto composto por 62 artigos foi assinado pelo rei Filipe II – o monarca espanhol foi um dos que assumiu Portugal durante a União Ibérica, entre 1580 e 1640. O regimento marcou a primeira tentativa da metrópole europeia em busca de garantir o controle das riquezas minerais retiradas do solo brasileiro. O objetivo era criar uma estrutura para administrar as minas de ouro, prata e cobre descobertas na colônia. Foram regulamentadas demarcações de terras, distribuições de minas e definidos os procedimentos necessários para a extração dos minerais.

A lei implementada em 1603 permitiu que problemas legais relacionados às minas, tais como disputas pelo direito de exploração e denúncias de desvios, passassem a ser solucionados na colônia – até então, os casos eram levados para Portugal. Para impedir que os metais fossem contrabandeados, foi determinada a instalação das casas de fundição, destinadas a fundir os metais extraídos das minas, e de provedorias, onde se daria a administração do sistema, composta por um escrivão, um oficial mineiro, tesoureiro, mestres de fundição e guardas. O então governador-geral Diogo Botelho foi encarregado de colocar em prática a nova legislação.

**CONTROLE RÍGIDO** Diferentemente da colônia espanhola, no território português ainda não se tinham registros de descobertas significativas de minas de metais preciosos, mas a Coroa preferiu não correr riscos de ver riquezas serem exploradas sem controle. Já na primeira legislação ficou claro que qualquer transgressão à norma imposta seria considerada falta graves. A exploração mineral deu o primeiro passo no papel sendo tratada com rigidez. “Nenhuma pessoa de qualquer sorte ou condição poderá, fora da Casa de Fundição, vender, trocar, doar ou embarcar, para qualquer outra parte, metal algum que das ditas minas se tirar, sem ser marcado com as ditas minhas armas. Sob pena de morte e de perda de sua fazenda”, diz o artigo 55 do Regimento.

Com a crescente importância econômica da atividade ao longo do século 17, novas mudanças foram sendo implementadas no controle da exploração mineral. A fiscalização também se intensificou com a descoberta de novas minas, principalmente na região do Rio das Velhas, onde mais tarde seriam formadas as primeiras vilas em Minas Gerais. Quase cem anos depois, em 19 de abril de 1702, foi lançado um novo Regimento sobre a extração de minerais que expressava a preocupação das autoridades portuguesas no controle da arrecadação. Foi criado então o cargo de superintendente das minas, que além de responsável pela fiscalização deveria também aplicar penas aos contrabandistas.

Na primeira metade do século 19 surgem as primeiras fábricas e companhias de mineração com produções significativas, com os empreendimentos da Fábrica de Ipanema, em 1810, em Araçoiaba, e da Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, em 1814. No entanto, só depois da independência do Brasil, em 1822, e com a introdução de uma nova Constituição, em 1824, as autoridades locais aprovaram leis para regulamentar a pesquisa e lavra de jazidas minerais.

Do ouro para o minério

As regras sobre a mineração sempre foram temas prioritários para os mineiros, principalmente por causa do grande impacto que a atividade causa na rotina das populações que convivem com a exploração próxima, ou até dentro, de seus municípios. Neste semestre, com as negociações no Congresso sobre o novo Marco Regulatório da Mineração, as discussões voltaram a atrair atenção de parlamentares, prefeitos e de movimento sociais mineiros.

Ao contrário da legislação que inaugurou as regras para a exploração mineral no Brasil, em que as riquezas eram destinadas exclusivamente aos cofres europeus e tratavam prioritariamente sobre a exploração de ouro e prata, os tópicos em discussão nos dias de hoje têm como objetivo atualizar as regras para produção de minério de ferro e podem significar um aumento expressivo nas receitas repassadas para os municípios mineiros e para o governo de Minas.

Caso sejam aprovados os reajustes na alíquota paga pelas empresas – a Compensação Financeira pela Exploração Mineral (Cfem) deve passar de 2% para 4% e será cobrada sobre o faturamento bruto das empresas, não mais sobre o líquido –, as cidades mineiras podem ver seus recursos triplicarem já a partir do ano que vem. Os R\$ 400 milhões arrecadado em 2012 podem chegar a mais de R\$1,2 bilhão em 2015. Também está sendo discutida a criação de uma nova agência para a fiscalização e administração do setor.

Desejo de controlar

Angélica Ricci Camargo – Pesquisadora do Programa de Pesquisa Memória da Administração Pública Brasileira (Mapa) do Arquivo Nacional

Na época do primeiro Regimento de Terras Minerais já haviam sido descobertas minas de metais preciosos na América portuguesa?

Sim, desde meados do século 16 existem registros de descoberta de ouro na colônia.

Até que ponto o controle desejado pela metrópole para evitar o contrabando era efetivo, uma vez que a região, no início do século 17, era pouco habitada?

Pela legislação e transformações na administração fazendária e política é possível observar várias tentativas da Coroa portuguesa em controlar as descobertas de minas de ouro, metais e pedras preciosas e evitar o contrabando. Dois importantes regimentos destinados às terras mineráveis da colônia foram promulgados no século 17, os Regimentos das Terras Mineráveis do Brasil de 1603 e de 1618. Esses Regimentos determinaram a criação de vários órgãos subordinados diretamente a Portugal, como as Casas de Fundição e as Provedorias das Minas, estabelecidos em localidades próximas às minas. Houve até, entre 1608 e 1612, a criação de um governo separado do Estado do Brasil, que compreendia as capitâncias de São Vicente, Espírito Santo e Rio de Janeiro, motivada, dentre outros fatores, pelas descobertas de minas nessa região. Esta necessidade de legislar sobre a administração das minas permite perceber a dificuldade em conter os contrabandos e os chamados descaminhos do ouro, cujo objetivo era burlar o pagamento de impostos. No século seguinte houve um maior incremento da administração, seguido de outras regulamentações que são mais conhecidas pela historiografia.

O interesse inicial da metrópole era exclusivo para ouro, prata e cobre? Ou também já se tinha algum interesse em outros tipos de minerais, como o ferro?

Não era exclusivo. Havia interesse em explorar as terras coloniais para descobrir outros metais, como ferro, estanho e chumbo, e pedras preciosas como esmeraldas, como indica a própria legislação da época.

Eram comuns disputas entre os donos das propriedades nesse período pela posse das minas?

A historiografia sobre o assunto menciona vários conflitos pela disputa de terras e ouro. Um dos mais conhecidos foi a Guerra dos Emboabas, que ocorreu entre 1707 e 1709, envolvendo os

bandeirantes paulistas e portugueses, recém-chegados nas terras compreendidas no atual estado de Minas Gerais, encerrada com a derrota dos paulistas.

Fonte: Estado de Minas

**6-10/11/2014**

### **Anglo American embarca minério de ferro do Minas-Rio**

Estadão Conteúdo

A Anglo American iniciou a promoção do minério de ferro produzido no projeto Minas-Rio para conquistar uma fatia de um mercado já saturado. No último dia 25, a companhia fez o primeiro embarque da commodity produzida pelo sistema e prevê pelo menos outros quatro até janeiro de 2015.

O minério do Minas-Rio, um dos maiores investimentos estrangeiros já feitos no Brasil, será produzido a um custo de US\$ 33 a US\$ 35 a tonelada seca e US\$ 36 a US\$ a tonelada úmida. Segundo o presidente da unidade brasileira da Anglo, Paulo Castellari, em dezembro estão programados dois embarques no mesmo volume do primeiro, de 80 mil toneladas e realizado no último dia 25.

Em janeiro do ano que vem, estão previstos mais "dois ou três" embarques da commodity, desta vez em navios capesize, embarcações com capacidade média em torno de 175 mil toneladas. "Agora o jogo começa", disse.

O diretor de Implantação da companhia, Luis Renato Gonçalves, explicou que o uso de navios menores no primeiro momento faz parte de uma operação com a Marinha brasileira para verificar as condições de segurança do Porto de Açu, em São João da Barra (RJ). Em entrevista coletiva nesta semana em Belo Horizonte, Paulo Castellari classificou a qualidade do minério, que atinge 68% de ferro no produto premium e 67,5% no high grade, e o custo de sua produção como duas "grandes alavancas" para a conquista de mercados.

Parte da produção já está comprometida com dois contratos de longo prazo com a China e o Oriente Médio herdados da MMX do empresário Eike Batista, de quem a Anglo comprou o projeto Minas-Rio. A companhia anglo-sul-africana planeja atingir a

capacidade de produção do sistema, de 26,5 milhões de toneladas anuais, em 18 a 20 meses.

Em 2014, o grupo Anglo American deve produzir um total de 45 milhões de toneladas de minério de ferro e a estimativa da companhia é de que no ano que vem sejam produzidas 11 milhões a 14 milhões de toneladas no Minas-Rio. "É uma curva bastante agressiva", avaliou Castellari sobre o prazo definido para alcançar a capacidade do projeto.

## **Mercado**

O executivo adiantou que o setor já espera um "período difícil em 2015" por causa da redução no preço da commodity causado pela queda na demanda mundial.

E a situação deve se agravar com o aumento da oferta. "Não vai ser um tempo muito fácil, mas a gente está se preparando para isso. Vai entrar mais produção barata do Brasil e da Austrália", observou. A Vale, por exemplo, estima produzir minério em Carajás a um custo de aproximadamente US\$ 15 a tonelada com a conclusão do projeto S11D. "(Mas) algumas empresas vão sair (do mercado)", acrescentou Castellari, referindo-se a companhias que produzem com custo mais alto.

Ele afirmou ainda que a Anglo acredita no aumento da demanda nos próximos anos, impulsionada inclusive pelo aumento do consumo interno, para equilibrar os preços. Jornada O início da produção no sistema Minas-Rio, segundo Paulo Castellari, é o resultado de "uma jornada longa e difícil", mas que a partir de agora vai "gerar valor para os acionistas".

O projeto, iniciado em 2007, inclui a mina e uma unidade de beneficiamento, em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, na região central de Minas Gerais, e o Porto de Açú, além de um mineroduto de 529 quilômetros - o maior do mundo - que liga as duas pontas passando por 32 municípios. "Era virtualmente impossível liberar aquela riqueza sem este sistema integrado", afirmou Paulo Castellari, referindo-se à reserva ferrífera. O projeto teve um custo total de US\$ 8,8 bilhões. O executivo admitiu que "não vai ser fácil remunerar o capital investido", mas salientou que o Minas-Rio é uma "prioridade" para o grupo Anglo.

E, apesar de o sistema ter iniciado a produção em meio a uma das piores crises hídricas do País, o diretor de Operação do projeto, Rodrigo Vilela, afirmou que o Minas-Rio não é afetado. A Anglo tem outorga para captação de 2,5 mil metros cúbicos de água,

principalmente do Rio do Peixe, e, segundo Vilela, "em nenhum momento o rio teve a vazão afetada". Ele disse ainda que há recirculação de 75% da água usada no sistema.

**7-10/11/2014**

### **CEO da Rio Tinto defende expansão de produção**

Estadão Conteúdo

O executivo-chefe da Rio Tinto, Sam Walsh, defendeu hoje os esforços para expandir a produção de minério de ferro e rebateu as críticas de que essa estratégia foi coordenada com produtores globais para reduzir a competição. A Rio Tinto é uma das três maiores mineradoras do mundo, junto com a Vale e a BHP Billiton. As empresas receberam acusações, inclusive do governo chinês, de coordenarem estratégias para afetar os preços no mercado mundial.

Walsh afirmou que a Rio Tinto realizou seu plano de expansão "há cinco anos" e disse que as teorias de que a empresa quer baixar os preços do minério de ferro "não é verdade."

A Rio Tinto e outras grandes empresas mineradoras estão aumentando em centenas de milhões de toneladas sua capacidade de produção, o que tem pressionado os preços do minério ao menor patamar em cinco anos. Fonte: Dow Jones Newswires.

**8-10/11/2014**

### **SEICOM REALIZA VISITA TÉCNICA NO TAPAJÓS E SEMINÁRIO SOBRE USO DO CALCÁRIO**

*O consumo de calcário agrícola será de 305 mil toneladas em 2014*

Equipe técnica da Diretoria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral da Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração (Seicom) realizou visita técnica, nas duas últimas semanas, em parceria com a The Nature Conservancy (TNC), às empresas Calreis e Cominas, ambas mineradoras de calcário agrícola, localizadas no município de Rurópolis, na região oeste paraense. O objetivo foi identificar os gargalos da cadeia produtiva dos denominados agrominerais - minerais especialmente usados na agricultura, como fertilizantes, em sua maioria - e buscar a garantia da oferta de calcário para os territórios do Tapajós e Xingu com preços acessíveis.



A empresa Comina executa a lavra, beneficia e comercializa calcário agrícola em brita para construção civil, cuja capacidade de produção é de 10 toneladas por hora (ton/h). E fornece este agromineral para Macapá (capital do Amapá), Altamira, Santarém e entorno de Itaituba, municípios localizados entre as regiões paraenses do Xingu e Tapajós.

O escoamento do minério oriundo da Comina é feito por balsas com capacidade de 500 toneladas que cruzam o rio Tapajós e em caminhões pela BR-230 e BR-163. O calcário é comercializado a granel ou em big bag, contentores flexíveis de volume médio com maior capacidade de armazenamento, ou seja, sacos usados para transporte e armazenamento de qualquer tipo de líquidos, granulados ou produtos de uma tonelada.

Atualmente, a empresa está em processo de ampliação na sua estrutura física e está com investimentos em pesquisa mineral. E segundo Bruna Guimarães, engenheira de minas da Seicom, o empreendedor da Comina, Wilson Soares, está investindo em pesquisa mineral para depois ampliar a sua produção, assim poderá adquirir o maquinário para lavra e beneficiamento compatíveis com as características do minério.

Já a empresa Calreis compra a rocha lavrada pela Comina e realiza o beneficiamento e comercialização de brita e calcário agrícola, com capacidade de produção de 10 ton/h. E ainda fornece para Novo Progresso, o distrito de Castelo dos Sonhos, Altamira, Santarém, Itaituba e arredores e também para Macapá.

O transporte também é realizado por caminhões com a metodologia da logística reversa, ou seja, os caminhões trazem soja de Novo Progresso para o terminal portuário em Miritituba, distrito de Itaituba, e retornam com calcário agrícola. O escoamento do minério também é feito por balsas com capacidade de 500 toneladas pelo rio Tapajós. "Calcário tem para atender toda a região, o que falta é energia e estrada", ponderou Sebastião Reis, proprietário da mineradora Calreis.

O transporte rodoviário, que segue a rota do distrito de Miritituba e retorna com calcário agrícola para Novo Progresso, caracteriza a operacionalização da chamada logística reversa, com a oferta dos agrominerais, o que torna os preços mais acessíveis aos produtores rurais.

Representante da TNC em Tapajós, Teresa Moreira avaliou que o fato de o calcário estar sendo enviado de Miritituba para Novo Progresso já demonstra que a soja está em processo de expansão na região.

## **Grupo de Trabalho do Calcário**

A Seicom também realizou 13 oficinas e três seminários de consolidação nos principais municípios mineiros, com participação de 200 instituições e 1.300 participantes, definidos durante a reunião que definiu o 1º Plano Estadual de Mineração (2014-2030) do Brasil, construído ao longo de dois anos.

Para executar as ações previstas dentro deste tema, foi criado o Grupo de Trabalho do Calcário Agrícola (GT do Calcário), com a missão de criar estratégias e arranjos que possibilitem a aproximação entre a demanda e a oferta, principalmente de calcário agrícola no Pará.

No Plano está previsto que o consumo de calcário agrícola será de 305 mil toneladas em 2014 e de 320 mil toneladas, em 2016. Considerado-se a taxa anual de crescimento de 3%, estima-se uma produção de 484 mil toneladas até 2030.

As ações em andamento são a elaboração do Plano Estadual de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Calcário Agrícola do Pará, com o propósito de avançar na aproximação entre a oferta existente na região do Tapajós, onde há produção de calcário agrícola, e a demanda da região do Xingu e do sul do Pará, onde não há produção, além da consolidação dos projetos pilotos da pecuária sustentável para região, com o apoio da TNC.

Com a articulação da Seicom e das instituições integrantes do comitê gestor do Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu (PDRS Xingu) já se garantiu a oferta de calcário agrícola para os projetos aprovados no âmbito do PDRS Xingu, além da realização do Seminário Regional dos Agrominerais para o desenvolvimento do Xingu, no intuito de beneficiar fundamentalmente os agricultores familiares da BR-230 (Rodovia Transamazônica).

Fonte: Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração

**9-10/11/2014**

## **PESQUISA INÉDITA DO CETEM REVELA IMPACTOS DA MINERAÇÃO EM 22 ESTADOS BRASILEIROS**

O livro Recursos Minerais e Comunidade: impactos humanos, socioambientais e econômicos, editado pelo Centro de Tecnologia Mineral (CETEM/MCTI), fruto de três anos de pesquisas, relata o estudo de caso de 105 territórios que sofreram os impactos da atividade mineradora, em 22 estados brasileiros. Em 380 páginas, recheadas de

gráficos e mapas, a pesquisa fez levantamento nas cinco regiões brasileiras, destacando o minério de ferro e o ouro como os minerais que mais contribuíram para os efeitos da mineração sobre o patrimônio natural e a vida das populações, consequência do funcionamento de três mil minas e nove mil mineradoras, além de centenas de garimpos legais e clandestinos. Minas Gerais, onde se iniciou a mineração no Brasil, foi o estado com mais casos avaliados. O Pará ficou em segundo, considerado hoje a nova fronteira da mineração no país, seguido da Bahia, que está despontando com a atração de novos investimentos.

O objetivo do livro, que será lançado na sede do CETEM, dia 14 de novembro, no Rio, além de mostrar o retrato da realidade da ação do setor mineral, é sensibilizar a população, órgãos públicos e empresariado para a necessidade de adoção de práticas de sustentabilidade. O setor mineral, que compreende mineração, metalurgia e transformação mineral de não metálicos, emprega cerca de 200 mil trabalhadores, e é responsável por 4% do PIB, com investimentos programados de US\$ 75 bilhões entre 2012 a 2016.

### **Livro catalogou 1.500 documentos**

O trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do CETEM reúne 1.500 documentos, catalogados a partir de consulta na Internet, bibliotecas e instituições de pesquisa, meios impressos, teses/dissertações, relatórios acadêmicos/técnicos, artigos em periódicos, congressos, notícias e reportagens, ações do Ministério Público ou em processos na Justiça. O estudo estará disponível no Banco de Dados do projeto, no site do CETEM, para livre consulta, a partir do dia 14 de novembro: <http://www.cetem.gov.br/>.

Em cada estudo do livro, coordenado pelo pesquisador Francisco Rego Chaves Fernandes, consta a apresentação do caso, a localização geográfica, o mineral extraído, os efeitos ambientais e socioeconômicos que provoca, e as referências bibliográficas. O documento dá a dimensão do passivo ambiental provocado por minas em implantação, em funcionamento, inativas e abandonadas, produto da mineração ininterrupta exercida há mais de 500 anos. Os principais efeitos ambientais constatados pela pesquisa foram: alteração do meio físico, desmatamentos e erosão, contaminação dos corpos hídricos, aumento da dispersão dos metais pesados, mudança na paisagem do solo e comprometimento da flora e fauna.

Quanto aos impactos socioeconômicos, que afetam diretamente a qualidade de vida das populações nas áreas mineradas, as doenças destacam-se como os mais significativos, com 60 casos relatados, o equivalente a mais da metade dos estudos realizados.

**Lançamento:** 14 de novembro de 2014 – das 9 às 17 horas

**Local:** sede do CETEM - Av. Pedro Calmon, 900 - Cidade Universitária – Rio de Janeiro

Fonte: CETEM

**10-10/11/2014**

### **VALE FIRMA PARCERIA COM A USP E A UERJ PARA ESTUDAR TEMAS DE INTERESSE DA MINERAÇÃO**

Numa iniciativa inédita da empresa no Brasil, a Vale firmou parceria com duas universidades de referência no país para a criação de três cátedras voltadas ao estudo e ao desenvolvimento de pesquisas em temas de interesse de nossa empresa. As parcerias foram seladas com a Universidade de São Paulo (USP) e com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), para iniciativas acadêmicas de longo prazo.

Na USP, o tema a ser estudado está na área de Engenharia, com foco em pesquisas sobre o desgaste provocado pelo contato entre roda e trilho na ferrovia. Já as duas cátedras em parceria com a UERJ serão relacionadas ao direito tributário e ao direito regulatório.

Nesta parceria com as entidades, a Vale entra com investimento de recursos, com informações essenciais sobre o objeto de estudo e com o conhecimento adquirido ao longo do tempo em suas operações. As universidades, por sua vez, usam sua expertise em pesquisa e sua excelência acadêmica no tema para promover o avanço do conhecimento sobre esses temas e aprofundar os estudos, que tendem a ficar mais complexos.

Com a criação das cátedras, serão formados grupos multidisciplinares com pesquisadores e empregados da Vale para garantir a internalização do conhecimento na empresa. Também é esperado que as cátedras estimulem a criação de redes de pesquisa, buscando o diálogo com pesquisadores de outras universidades e instituições, de dentro e de fora do Brasil, e colaborem para formação de novos mestres e doutores.

Fonte: Vale

**11-10/11/2014**

### **MINÉRIO COLOCA PARÁ EM 8º LUGAR NO PAÍS**

Ocupando a 12ª colocação entre os 27 Estados brasileiros, incluído aí o Distrito Federal, no tocante à formação do Produto Interno Bruto (PIB), o Estado do Pará ganha quatro posições e passa a ocupar o oitavo lugar quando o parâmetro passa a ser o PIB industrial. Essa variação põe em relevo, mais uma vez, o peso da atividade mineral na economia do Estado. Mais que qualquer outro fator, é a grandeza dos números relativos à indústria de mineração que explica essa singularidade num Estado cujo processo de industrialização é ainda incipiente.

Esse e outros dados, que fazem uma radiografia bastante detalhada do setor em todo o Brasil, foram revelados em estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Intitulado “Perfil da Indústria nos Estados – 2014”, o estudo vai fundo no detalhamento dos números, compondo um mosaico que retrata com bastante nitidez a realidade atual da indústria no país.

Na pesquisa aparecem com desconcertante precisão, por exemplo, os números que atestam a fragilidade da atividade industrial na Região Norte e sua maciça concentração nas regiões Sudeste e Sul, as mais ricas e desenvolvidas do Brasil,

Para um PIB nacional de R\$ 4,1 trilhões em 2011, base do levantamento feito pelo CNI, o Pará entrou com R\$ 88,3 bilhões. O primeiro colocado foi São Paulo, com R\$ 1,3 trilhão, vindo a seguir o Rio de Janeiro (R\$ 462,3 bilhões) e Minas Gerais (R\$ 386,1 bilhões), além de Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Distrito Federal, Bahia, Goiás, Pernambuco e Espírito Santo. Abaixo do Pará, na composição do PIB nacional, estão, entre outras unidades, Ceará, Mato Grosso, Amazonas e Maranhão.

Na composição do PIB industrial, as três primeiras colocações também pertencem, pela ordem, a São Paulo (R\$ 304,1 bilhões), Rio de Janeiro (R\$ 120 bilhões) e Minas Gerais (R\$ 111,3 bilhões). O Pará permanece ainda atrás de Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Bahia, mas supera outras quatro unidades para chegar à oitava posição, ficando à frente do Espírito Santo, Goiás, Amazonas e Distrito Federal. O PIB industrial paraense, segundo o levantamento da CNI, foi de R\$ 34,3 bilhões em 2011, sendo superado por pequena margem pelo da Bahia, que foi de R\$ 3,6 bilhões.

Quando o cálculo tem como foco a participação da indústria no PIB dos Estados, o Pará assume a liderança absoluta do ranking nacional. Aqui, mais uma vez refletindo o peso avassalador da indústria extrativa mineral, a indústria responde por 38,9% do PIB estadual. O segundo lugar, em termos nacionais, coube ao nosso vizinho Amazonas, com 34,8% – um claro efeito produzido pelo pujante distrito industrial da Zona Franca de Manaus.

Em São Paulo, Estado que é considerado – com razão – a locomotiva econômica do país, a indústria tem uma participação relativamente modesta (22,5%) na formação do PIB. Os cinco Estados brasileiros onde a atividade industrial tem menor expressão econômica são, pela ordem, Distrito Federal (5,6%), Amapá (7,5%), Roraima (10,5%),

Acre (12,3%) e Maranhão (15,6%).

O estudo da CNI mostra ainda um dado da realidade econômica do Pará, que continua sendo basicamente um exportador de matérias primas. O Estado, que no ano passado exportou quase US\$ 16 bilhões, registra valores pouco expressivos nas vendas externas de manufaturados e produtos industrializados. Estes últimos somaram US\$ 2,5 bilhões (15,9% do total) em 2011, segundo a CNI, enquanto os manufaturados ficaram em US\$ 1,3 bilhão (8,4%).

## **Salários**

Um indicador em que o Pará faz bonito é o do salário industrial médio. Trabalhando com dados relativos a 2013, o estudo da Confederação Nacional da Indústria aponta o Pará na quinta posição em todo o Brasil, com salário médio na indústria de R\$ 1.968,00. Também aqui, convém destacar, fica nítida a influência das grandes mineradoras, em especial a Vale, cujo padrão salarial puxa para cima a média no Estado.

Para que se tenha ideia, nesse indicador o Pará supera Estados bem mais ricos e desenvolvidos, alguns deles com alta densidade industrial, mas nos quais as outras atividades econômicas – como a agropecuária, o comércio e os serviços – são também suficientemente fortes para estabelecer um relativo equilíbrio na economia interna. São os casos, por exemplo, do Rio Grande do Sul, onde o salário médio da indústria fica em R\$ 1.858,00, ou ainda de Minas Gerais (R\$ 1.812,00) e mesmo de Santa Catarina (1.702).

Fonte: Diário do Pará

**12-11/11/2014**

## **Robô espacial pousará em um cometa pela primeira vez na história**

Por Por Luis TORRES DE LA LLOSA | AFP

Em uma operação digna de roteiro de cinema, um robô científico pousará em um cometa na próxima quarta-feira, um feito inédito na história da corrida espacial, depois de mais de dez anos de viagem interplanetária a 450 milhões de quilômetros da Terra.

Se tudo sair conforme o previsto, o módulo de exploração Philae vai se separar da sonda espacial Rosetta e pousará no cometa 67P/Churyumov-Geramisenko.

Desde 6 de agosto passado, a sonda não tripulada Rosetta se desloca a poucos quilômetros do corpo celeste, acompanhando-o em seu deslocamento à medida que se aproxima do Sol.

O módulo Philae permitirá explorar diretamente o núcleo do cometa, ou seja, a parte sólida que, pelo efeito da radiação solar, gera a "coma" ou cabeleira e deixa uma cauda visível de gases e poeira.

O cometa se encontra atualmente viajando entre as órbitas de Júpiter e Marte. Tem quatro quilômetros de diâmetro, formato irregular, semelhante ao de um patinho de borracha.

Por causa de seu tamanho reduzido, o cometa só gera força gravitacional e, por isso, bastará um leve impulso mecânico a partir da sonda Rosetta para iniciar a operação de aproximação de Philae: sete horas de lenta queda livre, que chegará à velocidade de um metro por segundo no momento do impacto.

A descida começará às 08H35 GMT (06H35 de Brasília) de 12 de novembro e espera-se que por volta das 16H00 GMT (14H00 de Brasília) do mesmo dia se obtenham as primeiras informações do contato com o cometa.

Na velocidade da luz, os dados enviados à Terra mediante sinal de rádio levarão 28 minutos e 20 segundos para chegar ao centro de operações da Agência Espacial Europeia (ESA, na sigla em inglês) em Darmstadt, Alemanha.

- Possíveis surpresas -

Repleto de instrumentos de observação, o Philae carece de um sistema de deslocamento autônomo, tem tamanho similar ao de uma geladeira e pesa uns 100 quilos.

A superfície do cometa é coberta de poeira, sua temperatura é de 70° C negativos e nada garante que não ocorram imprevistos. Desconhece-se o que o robô vai encontrar exatamente e se a superfície do cometa será macia como as cinzas ou dura como a rocha ou o gelo.

O local na superfície do corpo celeste escolhido para pousar o módulo foi denominado Agilkia, um nome que faz alusão ao Egito antigo, assim como Philae, que remete à ilha do Nilo onde foram encontrados os hieróglifos que permitiram decifrar a pedra Rosetta.

Trata-se de uma zona não isenta de armadilhas, com centenas de rochas de 50 cm a 50 metros de diâmetro e declives superiores a 30°, razão pela qual o módulo tem 18% de probabilidades de acabar caindo em um local impróprio.

Os instrumentos de observação de Philae começarão a operar durante a descida e o robô enviará imagens da missão antes mesmo de pousar.

À distância, a sonda Rosetta vigiará o comportamento de seu módulo de exploração e terá a capacidade de corrigir sutilmente a posição de queda.

Para não quicar na superfície do cometa, Philae foi equipado com um sistema de arpões nas pernas, destinado a garantir seu amarre imediato. Mas nada garante que não acabe se afundando em uma superfície que se revele mole demais.

- Semeando vida entre os planetas -

O encontro espacial ocorrerá após uma odisséia de mais de uma década e 6,4 bilhões de quilômetros de percurso interplanetário, que custou 1,3 bilhão de euros.

A jornada, iniciada em março de 2004, começou com a sonda sobrevoando várias vezes Marte e a Terra para pegar impulso, usando a força gravitacional dos planetas e, desta forma, ganhar velocidade.

Em seguida, passou por um período de hibernação, que lhe permitiu poupar energia, antes de ser "despertada" novamente da Terra, ao se aproximar de seu objetivo.

Os cometas são aglomerados de poeira e gelo primordiais, escombros do processo de formação do Sistema Solar, ocorrido há 4,6 bilhões de anos.

Por isso, Philae tentará analisar diretamente com seus instrumentos esta "bola de neve suja" e decifrar as chaves para compreender como os planetas se formaram ao redor do Sol.

Uma das teorias, conhecida como a hipótese da "panspermia", é que os cometas, ao interagir com a Terra, ajudaram a semear a vida no nosso planeta, ao trazer para cá água e moléculas orgânicas.

Se tudo correr bem, Rosetta e seu robô continuarão enviando informações quando o cometa estiver no ponto de sua trajetória mais próxima do sol, em agosto de 2015.

Depois disto, se prevê que, sob os efeitos da poeira e das projeções, deixe de perscrutar os segredos do corpo celeste e se dê por concluída a missão.

**13-11/11/2014**

**Minério de ferro abaixo de US\$ 80 desafia mineradoras independentes**  
Por Francisco Góes | Do Rio



Viveiros, da Bamin: "Mesmo em cenário de mercado mais difícil e complicado, temos projeto de baixo custo, equivalente aos projetos da Vale, e competitivo"

A nova realidade do mercado de minério de ferro, com preços atuais abaixo dos US\$ 80 por tonelada no mercado à vista da China, coloca mineradoras independentes frente a um cenário desafiador. Várias dessas empresas tentam desenvolver novas jazidas ou fazer ampliações de minas existentes. Mas no atual patamar de preços torna-se mais difícil levantar recursos para investimento em projetos de mineração, inclusive no Brasil. Nessa conjuntura só tendem a sobreviver os projetos mais competitivos, de menor custo.

Três empresas - Manabi, Bahia Mineração (Bamin) e Ferrous Resources - têm programados investimentos totais de US\$ 8,6 bilhões em projetos que, se executados conforme o previsto, poderão se transformar, a partir de 2017-2018, em uma produção de 60 milhões de toneladas de minério de ferro por ano nos Estados de Minas Gerais e da Bahia.

Mas há dúvidas se os projetos vão se desenvolver conforme o anunciado. Na avaliação de um executivo do setor, o humor dos investidores financeiros, aqueles que apostam no desenvolvimento dos projetos, mudou. Eles estão mais relutantes e exigem taxas de retorno mais agressivas para entrar nos empreendimentos. Nessa condição, passou a ser importante para alguns projetos novos, como o da Manabi, a busca por sócios estratégicos.

Depois da derrocada do grupo EBX, de Eike Batista, os bancos estão mais cuidadosos em oferecer financiamentos tendo a receita dos próprios projetos como garantias, o chamado "project finance", disse uma fonte. Se há um lado bom nessa história, é que as mineradoras encontram hoje um ambiente menos aquecido para negociar os custos dos projetos com as empreiteiras.

"Mesmo em um cenário de mercado mais difícil e complicado, temos um projeto de baixo custo, equivalente aos projetos da Vale", disse José Francisco Viveiros, presidente da Bamin. Ele estima o custo de produção da Bamin em menos de US\$ 30 por tonelada com o minério posto no porto, no Brasil. A Bamin tem como meta produzir 20 milhões de toneladas de minério de ferro por ano em Caetité, na Bahia, a partir de 2018, em um investimento de US\$ 2,8 bilhões. Desse total, US\$ 1,1 bilhão deve ser aplicado na mina e US\$ 1 bilhão na construção de um terminal portuário privativo no complexo do Porto Sul, em Ilhéus (BA). A empresa investirá ainda em material rodante (vagões e locomotivas) e fará reservas para contingências.

Em setembro, depois de anos de espera, o terminal portuário da Bamin em Ilhéus recebeu a licença de instalação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). O projeto conta com apoio local, mas também enfrenta a resistência de grupos ambientalistas. Viveiros disse que o projeto da Bamin está todo licenciado, da mina ao porto.

Um executivo do setor avaliou que o sucesso do projeto da Bamin depende da conclusão da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), obra da estatal Valec, que está com cerca de 60% das obras concluídas, segundo avaliações do mercado. É por essa ferrovia que o minério produzido em Caetité será escoado até o Porto Sul, em Ilhéus.

Outra dúvida do mercado é se o controlador da Bamin, a Eurasian Natural Resources Corporation (ENRC), do Cazaquistão, terá condições de aportar os recursos que a Bamin precisa para desenvolver o projeto, ainda mais na atual situação de mercado. A ENRC enfrentou recentes restrições de capital. Para Viveiros, o importante é que o projeto da Bamin é "competitivo". Já foram investidos US\$ 400 milhões no desenvolvimento do projeto. A Bamin já tem um volume de produção e escoamento pelo porto de Aratu, na Bahia, e via Sistema Sul da Vale.

Outro projeto de minério de ferro que tenta tornar-se realidade neste difícil momento do mercado é o da Manabi, com direitos minerários em Morro do Pilar (MG), próximo ao Quadrilátero Ferrífero. A empresa planeja investir US\$ 4,5 bilhões, incluindo recursos próprios e financiamentos, em um projeto integrado de mina e logística para produzir 25 milhões de toneladas de minério de ferro por ano a partir de 2018.

A Manabi ainda espera pela licença do órgão ambiental de Minas Gerais para seguir adiante com o projeto, no qual já investiu US\$ 600 milhões, entre aquisição de ativos e desenvolvimento, incluindo o projeto básico de engenharia. A companhia prevê produzir finos de minério com alto teor de ferro (68%) e baixo nível de impurezas. O projeto considera ligar à mina em Morro do Pilar por um mineroduto até a malha da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), da Vale, com quem a Manabi fechou, em agosto, contrato de transporte. A ideia é que o minério de ferro siga de trem até Colatina (ES), onde se prevê a construção de um ramal até um terminal portuário da Manabi, o Porto Norte Capixaba, em Linhares (ES), cidade em que a empresa adquiriu uma área.

Fontes do setor disseram que o acordo com a Vale só entrará em vigor quando a Manabi obtiver todas as licenças. A empresa tem entre os sócios o fundo soberano da Coreia, o Korea Investment Corporation (KIC), o fundo dos professores de Ontário, no Canadá, o OTPP, e a EIG, dos Estados Unidos, entre outros. Na avaliação do mercado, é possível, porém, que a Manabi, assim como outras mineradoras independentes, continue a buscar sócios estratégicos para desenvolver o projeto.

Já a Ferrous Resources anunciou, em 2013, projeto de US\$ 1,3 bilhão para expandir a mina de Viga, em Congonhas (MG). A ideia era multiplicar por cinco a produção, atingindo 15 milhões de toneladas a partir de 2017. Mas na visão de fontes do setor, na atual condição de mercado, essa expansão estaria em compasso de espera. Procurada, a Ferrous disse que não iria se pronunciar neste momento.

**14-11/11/2014**

## **Ao lado de Rússia, Brasil é país "menos confiável", diz The Economist**

Por Valor

**SÃO PAULO** - Com o título “a dupla menos confiável dos seis sob suspeita”, a edição impressa desta semana da revista britânica “The Economist” destaca que Brasil e Rússia parecem “particularmente frágeis” dentre um grupo de emergentes em situação desfavorável, ao qual a revista acrescenta Índia, Turquia, Indonésia e África do Sul.

A revista observa que, um ano atrás, o economista James Lord, do Morgan Stanley, listava o Brasil como um dos “cinco frágeis”, ao lado de Índia, Indonésia, África do Sul e Turquia dentre os mercados emergentes. A preocupação quanto ao grupo dizia respeito a uma combinação de alta inflação e elevados déficits em conta corrente.

Enquanto os demais países em situação “frágil” conseguiram melhorar de situação, ainda que moderadamente, desde então, “Brasil e Rússia, em contraste, estão em situação realmente ruim”, observa a revista, acrescentando que as duas economias, combinadas, têm o peso da quarta maior do mundo, a da Alemanha. “The Economist” chama atenção para a depreciação do real e do rublo, com a moeda brasileira tendo alcançado “novas mínimas em novembro, após a divulgação de dados que revelaram déficit orçamentário recorde em setembro”.

“Parte de suas dores vem do exterior”, observa a revista britânica, citando a desaceleração do ritmo de crescimento de importantes parceiros comerciais do Brasil, como China, União Europeia e Argentina. “Não apenas os volumes das exportações estão em queda. As coisas que o Brasil vende – como minério de ferro, petróleo, açúcar e soja – estão caindo, com a diminuição da demanda global”, acrescenta a reportagem.

“The Economist” menciona também problemas domésticos, observando que o governo de Dilma Rousseff, “recentemente reeleito”, causou “estragos” às finanças públicas durante o primeiro mandato. “Em 2014, os gastos cresceram ao dobro do ritmo das receitas, apesar dos ganhos extraordinários proporcionados pelo campo de petróleo de Libra e do espectro de telefonia 4G”.

Em outro texto, divulgado na mesma edição, também disponível no seu site, a revista avalia que “muitos duvidam da determinação da Sra. Rousseff” quanto a uma correção de rumo. “Muitos economistas concordam que um ajuste fiscal e monetário grande o suficiente para assegurar um crescimento sustentável no período inevitavelmente elevaria o desemprego, hoje ainda próximo ao piso histórico, em torno de 5%”, diz a revista.

**15-11/11/2014**

**Balança acumula déficit de US\$ 2, 6 bilhões no ano**

Por **Lucas Marchesini** | De Brasília

A balança comercial teve déficit de US\$ 747 milhões na primeira semana de novembro, segundo dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Foram US\$ 4,219 bilhões em exportações e US\$ 4,966 bilhões em importações. No acumulado do ano, o resultado é deficitário em US\$ 2,618 bilhões.

A média diária das exportações brasileiras caiu 19,1% na primeira semana de novembro quando comparada com todo o mês de 2013, passando de US\$ 1,043 bilhão para US\$ 843,8 milhões. Esse resultado se deve à queda na venda de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados.

As vendas de produtos básicos recuaram 19,5% na média diária na primeira semana deste mês na comparação com todo o mês de novembro de 2013, ao passar de US\$ 456,5 milhões, na média de outubro de 2013, para US\$ 367,7 milhões. Os principais recuos ocorreram em soja em grão, minério de ferro, minério de cobre, milho em grão, farelo de soja e fumo em folhas.

As vendas de bens manufaturados, por sua vez, tiveram baixa de 23,2% na mesma comparação. A média diária das vendas desses produtos ao exterior passaram de US\$ 439 milhões em novembro de 2013 para US\$ 337,3 milhões na primeira semana deste mês. Esse resultado foi influenciado pela queda em veículos de carga, automóveis de passageiros, tratores, máquinas para terraplenagem, óleos combustíveis, suco de laranja não congelado e aviões.

Já os semimanufaturados tiveram alta de 6,5% ao passar de US\$ 124,2 milhões em novembro de 2013 para US\$ 116,1 milhões na média diária do acumulado deste mês. Essa alta foi encabeçada por semimanufaturados de ferro/aço, ferro fundido, óleo de soja em bruto e açúcar em bruto.

As importações subiram 3,9% na primeira semana de novembro (US\$ 993,2 milhões) quando comparada com a média do mesmo mês em 2013 (US\$ 956,2 milhões).

**16-11/11/2014**

### **China abre mercado para investidor estrangeiro**

Por **Bloomberg**

O governo da China anunciou que a conexão das bolsas de Xangai e Hong Kong vai estreitar em uma semana, provocando a alta das ações nas duas cidades. A medida dará aos investidores estrangeiros um grau de acesso sem precedentes ao mercado acionário do país, de US\$ 4,2 trilhões.

A conexão para negociar ações das duas bolsas é um dos maiores passos da China até hoje para abrir sua conta de capital, pois intensificará o uso do yuan chinês e tornará Xangai um centro financeiro internacional. Também vai dar aos investidores estrangeiros maior acesso a empresas chinesas ligadas ao mercado consumidor chinês, com o qual o presidente do país, Xi Jinping, conta para reduzir a dependência da

segunda maior economia do mundo em relação aos investimentos em infraestrutura e às exportações.

"É bom ver uma data", disse Mark Kony, que ajuda a administrar cerca de US\$ 9,2 bilhões como executivo-chefe da Cathay Conning Asset Management, em Hong Kong. "É uma grande inovação."

Uma conexão de negociação de ações equivalente à de Xangai-Hong Kong deverá ser adotada com Shenzhen dentro de dois anos, o que dará aos investidores estrangeiros mais acesso à bolsa de menor porte, segundo o Bank of America e o Templeton Emerging Markets Group. O Japão também vai fazer parte de uma conexão para negociar ações com a China, segundo disse no início do mês o executivo-chefe da Osaka Exchange.

A conexão vai ampliar o acesso a ações chinesas, atualmente disponível a um número limitado de instituições, para qualquer um que tenha conta em alguma corretora em Hong Kong. O programa de investidores institucionais estrangeiros qualificados, de US\$ 64 bilhões, permitia a compra de valores mobiliários locais desde 2002, enquanto um sistema similar com yuans negociados fora do país havia sido lançado em 2011.

As ações listadas em Xangai encaminham-se a sua maior valorização desde 2009, superando a dos papéis de empresas chinesas listadas no exterior, em meio a especulações de que o desconto normalmente visto no valor das ações domésticas vai encolher com a abertura chinesa. O índice composto de Xangai subiu 17% neste ano, em comparação à queda de 1,9% do Hang Seng de empresas chinesas listadas em Hong Kong.

Corretores preparavam-se para a estreia da conexão no fim de outubro, depois de as autoridades reguladoras terem indicado em abril que o lançamento ocorreria em seis meses. Embora as autoridades não tenham comentado os motivos para o atraso, alguns investidores especulam que elas podiam estar esperando um arrefecimento no protestos pró-democracia em Hong Kong.

A espera acabou", disse Ian Cohen, diretor operacional de ações na Ásia, em Hong Kong, do HSBC. "Isso vai significar um mundo de novas oportunidades para investidores pelo mundo e na China".

Uma questão ainda não respondida é se a China vai aplicar impostos sobre ganhos de capital aos investidores que comprarem ações da China continental por meio da conexão. Embora as leis do país indiquem que os estrangeiros devem pagar impostos de 10%, o governo nunca recolheu esse imposto, segundo a PricewaterhouseCoopers (PwC).

As autoridades chinesas estão perto de definir as regras de tributação da conexão e vão revelá-las "em breve", disse na segunda-feira o secretário de serviços financeiros e do Tesouro de Hong Kong, K.C. Chan. O executivo-chefe da Hong Kong Exchanges and

Clearing (HKEx), Charles Li, disse que as regras tributárias vão ser anunciadas antes do início da conexão.

As firmas do setor estão prontas para a conexão, segundo a associação setorial Asia Securities Industry & Financial Markets Association (Asifama). Entre os seus membros estão nomes como BlakRock e Goldman Sachs.

"Nossas corretoras estão realmente entusiasmadas com isso; estão por aí afora arregimentando clientes e vão estar prontas na [próxima] segunda-feira", disse o executivo-chefe da Asifama, Mark Austen, em entrevista à "Bloomberg TV".

A conexão vai permitir a compra e venda de ações de empresas dos índices SSE 180 e SSE 380, listadas na Bolsa de Valores de Xangai, assim como as que integram os índices Hong Kong Composite LargeCap e Hong Kong Composite MidCap, de ações de grande e média capitalização, respectivamente. As ações com listagens duplas também podem ser negociadas.

A moeda chinesa desempenha papel cada vez maior no comércio internacional: passou de 1,9% das transações externas em janeiro de 2012 para 8,7% em outubro de 2013, de acordo com dados do Aite Group. O volume é pequeno em comparação aos 81,1% de participação do dólar dos Estados Unidos no comércio mundial. A China também abriu em parte o mercado de ouro para estrangeiros.

**17-11/11/2014**

## **LARGO INICIA EXPLORAÇÃO DE CROMITA E DE METAIS DA PLATINA NA BAHIA**

A Largo Resources informou na última segunda-feira (10/11) que iniciou um programa de exploração de cromita e de metais do grupo da platina no prospecto Capivara, localizado na região de Maracás, na Bahia, mas fora da área de mineração da mina de vanádio Maracás Menchen.

De acordo com comunicado enviado ao mercado nesta segunda-feira, a Largo descobriu cromita no prospecto Capivara recentemente, tendo em vista que o objetivo inicial era avaliar os horizontes de magnetita conhecidos, incluindo áreas com alto teor de vanádio.

Segundo a Largo, durante a avaliação desses horizontes de magnetita, foram descobertas zonas que contêm camadas de cromita com sulfetos finos. As amostras foram coletadas e enviadas a um laboratório, mas os resultados ainda não estão prontos.

De acordo com a mineradora, os horizontes de magnetita ficam cerca de 32 quilômetros ao norte da cava Campbell, que pertence à mina de vanádio Maracas Menchen.

As camadas de cromita foram rastreadas por uma área de três quilômetros (norte-sul) e 500 metros (leste-oeste). A Largo informou que existem, pelo menos, duas zonas de

cromita a partir de 20 metros a 25 metros da superfície. Essas zonas estão cerca de 400 metros a oeste dos horizontes de magnetita, que contêm vanádio e platina anômala.

As camadas de cromita estão hospedadas em uma sequência ultramáfica grossa, que incluem olivina gabro, olivina piroxenito e dunito. Nas zonas, as camadas de cromita consistem de grãos finos de cromita maciça, com teor de aproximadamente 60% de cromita, e sulfetos que podem conter metais do grupo da platina.

As camadas de cromita maciças possuem cerca de 0,5 metro a 1 metro de espessura e estão separadas por material que contém menor teor de cromita, cerca de 10%, e sulfetos disseminados.

"Estamos muito satisfeitos com a descoberta das camadas de cromita e a possibilidade de a mineralização de PGM estar relacionada com os sulfetos. Elas são semelhantes a outras intrusões em camadas, como Great Dyke, Bushveld e Stillwater [depósitos de metais da platina]", afirmou Robert Campbell, vice-presidente de Exploração da Largo.

No momento, um levantamento magnético do solo está 90% concluído, o mapeamento e a amostragem estão 60% completos e uma análise gravimétrica deve ter início na próxima semana.

Segundo a Largo, uma vez que os dados forem avaliados, os alvos vão ser priorizados, seguindo com uma sondagem adamantada da área.

A Largo Resources é uma empresa de desenvolvimento de pesquisa e exploração mineral de metais estratégicos. No Brasil, além da mina de vanádio Marcás Menchen, a empresa tem 100% de participação em um projeto de titânio e ferrovanádio em Campo Alegre de Lourdes, também na Bahia, e do projeto de tungstênio Currais Novos, no Rio Grande do Norte.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**18-11/11/2014**

## **ESSS CRESCE 40% AO ANO COM SIMULAÇÃO VIRTUAL DE FENÔMENOS FÍSICOS**

A Engineering Simulation and Scientific Software (ESSS) tem criado simulações virtuais de fenômenos físicos para empresas de diversos setores, incluindo o de mineração. O sucesso do serviço fez com que a empresa atingisse uma taxa média de crescimento de 40% ao ano, segundo afirmou o presidente da companhia, Clovis Maliska Júnior.

“Criamos um laboratório virtual em que podemos testar inúmeras variáveis, como transferência de calor, testes da capacidade da estrutura, fenômenos físicos, escoamento de ar quente ou frio. Calculamos tudo no computador de forma mais barata e rápida. Para

dois fenômenos físicos, são feitos milhares de virtuais, e ainda evitamos acidentes”, disse Maliska.

Segundo o presidente da companhia, o serviço ocorre de duas formas. A ESSS utiliza os softwares que já possui, recebe uma questão, analisa e fornece a resposta ou o cliente encomenda um software de teste customizado e começa a adotá-lo, o que significa treinamento e internalização da tecnologia.

“Se uma empresa está desenvolvendo uma nova geladeira, por exemplo, pode testá-la da forma convencional, a partir de protótipos físicos, e arcar com custos e acidentes, ou pode testá-la pela simulação via software”, disse o presidente da ESSS.

Maliska afirmou que a simulação por computador vem sendo desenvolvida há 40 anos e, nos últimos 20 anos, é mais aplicada na área da engenharia. “Não inventamos a simulação, nossa inovação está na maneira otimizada e detalhada que realizamos com os clientes. Não vendemos pregos e parafusos”, disse.

O investimento em pesquisa e inovação representa cerca de 35% do faturamento da ESSS e, embora esteja intimamente ligada a processos inovadores, a empresa não registra patentes. “Nosso negócio não é comercializar direitos de uso. Não desenvolvemos tecnologia para gerar patentes. Temos uma cadeia vertical mais interna: o fornecimento de produtos e serviços para o consumidor final”, afirmou Maliska.

De acordo com o executivo, a ESSS trabalha em parceria com universidades e empresas. “Há momentos em que a indústria precisa do desenvolvimento de algo que ainda necessita de pesquisa fundamental, e entramos em contato com a universidade. Em outros, ela nos procura porque não consegue fazer todo o caminho de transferência de tecnologia solicitada por alguma empresa”, disse.

A ESSS busca aumentar sua participação no setor de mineração e no próximo dia 17 de novembro realiza a segunda edição do Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia, em Belo Horizonte (MG). O evento apresentará as principais ferramentas de simulação computacional, casos reais de aplicações e os benefícios conquistados por mineradoras, fornecedores de equipamentos, empresas de engenharia e 'epcistas'.

De acordo com a empresa, o seminário será voltado para profissionais das áreas de projeto e manutenção de equipamentos nas indústrias de mineração e metalurgia e acadêmicos que desejam conhecer as ferramentas de simulação. Entre os casos apresentados, estão o uso de simulação em projetos da Vale e Anglo American, que garantiram um rápido retorno de investimento.

Criada em 1995, em Florianópolis, a ESSS tem mais de 500 clientes em diversos setores, como aeroespacial, óleo e gás, geração de energia, processos químicos e mineração. A maior parte da equipe trabalha no Brasil, mas a empresa possui escritórios na Argentina, Chile, Peru, Colômbia e Estados Unidos, internacionalização iniciada em 2007. Com informações do website Empreendedor.



Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**19-11/11/2014**

## **A SAÚDE E A SEGURANÇA COMO DIFERENCIAIS DE CRESCIMENTO NA MINERAÇÃO**

*\* Cláudia Pellegrinelli, Coordenadora do Programa MINERAÇÃO, desenvolvido pelo **IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração***

A mineração sempre ocupou um papel fundamental para a economia nacional e, mais destacadamente, para o desenvolvimento de Minas Gerais e do Pará, estados que, juntos, respondem por quase 80% da produção mineral brasileira. Este gigantesco mercado será responsável em 2014 por uma receita superior a US\$ 43 bilhões apenas no Brasil, segundo estimativa do **IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração**, que também prevê investimentos de US\$ 53,6 bi para o setor nos próximos cinco anos. Números vultuosos, que reafirmam uma vez mais o poder de um segmento que, embora afetado pela crise mundial, busca se manter otimista, favorecendo o crescimento de municípios que têm na atividade a sua principal fonte de renda.

Este cenário é enriquecido ainda por duas questões primordiais para a execução das atividades minerárias e sem a quais não é possível crescer com sustentabilidade: a saúde e a segurança dos trabalhadores. Considerada atualmente como prioridade absoluta para as empresas mineradoras no mercado global, a área de SSO – Saúde e Segurança Ocupacional também vem concentrando um número crescente de investimentos. São iniciativas que buscam garantir a integridade física daqueles que estão por trás de toda a complexa logística que garante, ao Brasil, ocupar o terceiro lugar entre os maiores produtores de minério de ferro em todo o mundo – sem mencionar a nossa rica produção em outras áreas extrativas.

O tema também sempre esteve entre as maiores preocupações do **IBRAM**, que lançou, em 2011, o **MINERAÇÃO**– Programa Especial de Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração, com o intuito de estimular o desenvolvimento de projetos por parte das mineradoras. Esta iniciativa pioneira prevê o estímulo à prevenção no âmbito do trabalho por meio da implantação de uma série de ações voltadas para atenuar os principais riscos detectados no segmento mineral, como a criação de um sistema de gerenciamento de riscos, atendimento às emergências, treinamentos específicos, intercâmbio de boas práticas, banco de dados com informações estatísticas sobre acidentes específicos para o setor, para citar alguns exemplos.

Com uma base sólida, a iniciativa completa três anos ainda mais fortalecida, com o interesse e comprometimento cada vez maiores, por parte das empresas, de interromper o ciclo que levou a mineração a se projetar, outrora, nas estatísticas de acidentes de trabalho. Hoje temos um panorama promissor, com empresas realmente empenhadas em

desenvolver projetos inovadores, que colocam o país em sintonia com as principais iniciativas mundiais.

Nosso orgulho em liderar e estimular este movimento não tem preço. O reconhecimento aos esforços de nossos associados a fim de garantir o direito legítimo, de todos os empregados, de regressar seguros para as suas casas e suas famílias após um dia de trabalho, será reconhecido, mais uma vez, com a segunda edição do prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho. Com o inestimável apoio do SESI/CNI, buscamos, desta maneira, transformar o segmento mineral brasileiro em um exemplo de segurança para todos aqueles que, bravamente, contribuem para o crescimento de nosso país.

Fonte: Estado de Minas

**20-12/11/2014**

## **II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia**

Evento apresenta as principais ferramentas de simulação computacional, casos reais de aplicações e os benefícios que essas soluções proporcionam a estes setores

Um dos principais desafios das indústrias de mineração e metalurgia é desenvolver equipamentos com alta eficiência e baixo custo de manutenção, e reduzir os gastos com desgaste e perdas de matéria-prima. Para contorná-los, empresas como a Vale, Anglo American, Tenova e TUNRA Bulk Solids apostam nas ferramentas de simulação computacional para aumentar a produtividade, reduzir os custos e o tempo de desenvolvimento de novos projetos. O II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia apresenta casos de usos da simulação no setor para estas indústrias e os principais benefícios conquistados por mineradoras, fornecedores de equipamentos, empresas de engenharia e EPCistas. O evento acontece no dia 17 de novembro de 2014 em Belo Horizonte (MG), no período da manhã (das 8h às 12h).

O seminário é voltado para profissionais que atuam na área de projeto e manutenção de equipamentos nas indústrias de mineração e metalurgia e acadêmicos que desejam conhecer as ferramentas de simulação e os principais benefícios da aplicação nessas áreas. O evento irá apresentar como garantir um rápido retorno de investimento, casos de uso de simulação em projetos pela Vale e a Anglo-American e os benefícios das ferramentas que utilizam o Métodos dos Elementos Finitos e Método de Elementos Discretos (DEM) aplicadas na solução de problemas e dimensionamento de equipamentos.

As inscrições para o II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia são gratuitas e podem ser feitas aqui. As vagas são limitadas. O evento é promovido pela ESSS – Engineering Simulation and Scientific Software.

Serviço

II Seminário de Simulação Aplicada à Mineração e Metalurgia

Data: 17 de novembro de 2014

Horário: das 8h às 12h

Local: Mercure Lourdes Hotel (Av. do Contorno, 7315 – Bairro de Lourdes – Savassi – Belo Horizonte/MG)

Informações e inscrições: [http://esss.com.br/events/2014/workshops/caemining\\_nov14/](http://esss.com.br/events/2014/workshops/caemining_nov14/)

**21-12/11/2014**

### **Angola: Ministro da Geologia anuncia criação de cooperativas mineiras**

Em entrevista recentemente à Angop, a propósito do processo de atribuição de senhas mineiras de licenciamento dos garimpeiros ilegais, o governante garantiu que, até final de Dezembro, uma ou duas cooperativas serão constituídas, através de um programa que contempla, numa primeira fase, as províncias do Bié, Lunda Norte, Lunda Sul e Uíge.

“Creio que vamos poder avançar com as cooperativas em Novembro ou Dezembro. Como é uma experiência nova estamos a aperfeiçoar os mecanismos, os sistemas de funcionamento e depois de entrar em funcionamento vamos fazer os ajustes e as correcções necessárias”, frisou.

O ministro explicou que o referido processo vem reformular a estratégia do Executivo de atribuição de senhas individuais, ao mesmo tempo que constitui uma evolução para formas mais organizadas e sofisticadas e de se acautelar problemas económicos, culturais, sociais e ambientais, que exigem a intervenção do Estado.

“As senhas mineiras são atribuídas individualmente e as vezes torna-se muito difícil dialogar com cada um. Portanto, já organizados em cooperativas fica mais fácil, razão pela qual temos transmitido esta experiência aos membros do Processo Kimberley”, disse Francisco Queiroz.

De acordo com o governante, Angola tem registado uma grande ocorrência de diamantes aluvionais, que se exploram com relativa facilidade, o que tem originado uma certa invasão de estrangeiros, que vêm se instalando propositadamente na Lunda Norte, Lunda Sul, Bié e no Kwanza Sul.

O interlocutor salientou que, até 2013, a produção artesanal no país cifrou-se em cerca de 600 mil quilates de diamantes/ano, e que este ano prevê-se atingir cerca de 700 mil quilates, devido a uma melhor actuação do Executivo e da Indiamina, que têm sabido controlar o mercado.

Contudo, concluiu o ministro, os progressos neste domínio são grandes, uma vez que o que se compra actualmente no mercado artesanal supera consideravelmente os indicadores de compra de há dez anos, pelo facto de haver melhor organização.

Fonte: <http://www.portalangop.co.ao/>

**22-12/11/2014**

### **Usiminas espera exportar 8 milhões de toneladas em 2015**

Por Idiana Tomazelli | Estadão Conteúdo

A unidade de mineração da Usiminas espera exportar pelo menos 8 milhões de toneladas de minério de ferro em 2015. O montante corresponde a dois terços da produção da companhia. De acordo com o gerente comercial da Mineração Usiminas, Eduardo Costa de Faria, o início dos embarques depende da entrada em operação do Porto Sudeste, em Itaguaí (RJ).

"Pelo que temos conversado, no primeiro trimestre de 2015 já teremos produção saindo (do País)", disse Faria, após participar do congresso America's Iron Ore, nesta terça-feira, 11, no Rio. No terceiro trimestre deste ano, segundo ele, a companhia não exportou devido à falta de espaço nos portos brasileiros.

A Mineração Usiminas já negocia com clientes da China e do Japão, mas também tenta fechar contratos na Europa. Um volume de 4 milhões de toneladas de minério, segundo o executivo, é atualmente comercializado dentro do próprio grupo, servindo de matéria-prima para a siderúrgica Usiminas. Caso a demanda externa supere as expectativas, esse volume pode ser flexibilizado.

Apesar da perspectiva positiva para as exportações, o projeto Compactos, pensado para ampliar a capacidade de produção da mineradora em 14 milhões de toneladas por ano, segue engavetado. O investimento passa por uma fase de aprofundamento de estudos.

"A decisão está longe. Continuamos com o estudo, mas acredito que a decisão será tomada ao longo de 2015, mais para o fim do ano, quem sabe 2016. Hoje, com esse ambiente, ninguém pensa em fazer um investimento desse tamanho", disse Faria.

Segundo o executivo, a queda nos preços do minério de ferro afetou a viabilidade do projeto. Parte dos estudos foi feita quando a commodity estava em alta, em 2008, resultando em um investimento entre US\$ 1 bilhão e US\$ 1,5 bilhão. Esse valor agora deve ser revisado para baixo para tornar o projeto possível.

Além do orçamento elevado, o preço da tonelada do minério de ferro, hoje abaixo de US\$ 80, também contribui para manter o projeto guardado. "A partir de US\$ 80 dólares já seria viável, mas viável com risco, em função do investimento envolvido. A partir de US\$ 90, seria mais tranquilo", disse Faria. No curto e médio prazo, contudo, ele não vê reação do mercado. "Vejo mais na casa de US\$ 80."

A Mineração Usiminas concluiu o projeto Friáveis este ano e elevou sua capacidade de produção de 8 milhões para 12 milhões de toneladas por ano. A segunda expansão faz parte do projeto Compactos, que ainda não foi validado pelo conselho, mas é considerado importante pela companhia para elevar a exploração de suas reservas.

**23-12/11/2014**

**Pesquisa inédita aborda impactos da mineração em 22 estados**

O Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) lançará na sexta-feira (14), no Rio de Janeiro (RJ), o livro Recursos Minerais e Comunidade: Impactos Humanos, Socioambientais e Econômicos. Fruto de três anos de pesquisas, a publicação relata o estudo de caso de 105 territórios que sofreram os impactos da atividade mineradora, em 22 estados brasileiros.

Em 380 páginas, repletas de gráficos e mapas, a pesquisa fez levantamento nas cinco regiões brasileiras, destacando o minério de ferro e o ouro como os minerais que mais contribuíram para os efeitos da mineração sobre o patrimônio natural e a vida das populações, consequência do funcionamento de 3 mil minas e 9 mil mineradoras, além de centenas de garimpos legais e clandestinos.

Minas Gerais, onde se iniciou a mineração no Brasil, foi o estado com mais casos avaliados. Em segundo ficou o Pará, considerado a nova fronteira da mineração no país, seguido da Bahia, que está despontando com a atração de novos investimentos. Além de retratar a realidade da ação do setor mineral, o livro, coordenado pelo pesquisador Francisco Rego Chaves Fernandes, objetiva sensibilizar a população, órgãos públicos e empresariado para a necessidade de adoção de práticas de sustentabilidade.

O setor mineral, que compreende mineração, metalurgia e transformação mineral de não metálicos, emprega cerca de 200 mil trabalhadores e é responsável por 4% do PIB, com investimentos programados de US\$ 75 bilhões entre 2012 a 2016.

Fonte: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

**24-12/11/2014**

### **Não há crise na mineração, diz presidente da Vale**

Segundo Murilo Ferreira, os preços do minério de ferro ainda garantem rentabilidade às melhores empresas

A queda do preço do minério de ferro não configura uma crise no setor de mineração, afirmou o presidente da Vale, Murilo Ferreira. Para o executivo, presente no evento As Empresas Mais Admiradas no Brasil, promovido pela revista CartaCapital, os valores praticados para a commodity ainda garantem uma rentabilidade adequada para as empresas. “Os preços não estão com a exuberância do super-ciclo, mas ainda propiciam uma margem razoável para as mineradoras mais eficientes, que têm excelência operacional”, disse.

As ações da Vale caíram 3,56% nessa terça-feira 11 por conta das previsões de continuidade da queda dos preços do minério de ferro. Ferreira afirma que as principais empresas de mineração do mundo sofrem queda nas bolsas de valores por conta do baixo crescimento da demanda por minérios, e defende que a Vale tem força para enfrentar o momento adverso. “A Vale está entre as empresas mais eficientes, nossos ativos estão muito bem situados.” O executivo lembra que a companhia passa hoje pelo maior ciclo de investimento da sua história, que exigirá um esforço grande até 2016 e 2017. “Estamos muito confiantes porque temos reservas excepcionais, ativos de alta qualidade que poderão ser expandidos no futuro e um material pronto para ser vendido aos nossos clientes”, afirmou.

Para Ferreira, a recuperação do setor e da economia brasileira depende de uma retomada do crescimento da economia mundial. Ele não acredita, no entanto, que isso deve ocorrer nos próximos dois anos. “Com a crise de 2008, nós tivemos uma transferência muito grande de dívidas do setor privado para o setor público, os países estão sem capacidade para dar um impulso maior na economia”, disse. Para o desempenho econômico do Brasil ser melhor, Ferreira avalia que o crescimento mundial precisa ser de pelo menos 4%. Outro ponto importante de partida para que o País volte a crescer, segundo o executivo, é a reforma política, a partir da qual outras medidas poderiam ser tomadas. “Evidentemente existem condições internas que são necessárias para os próximos anos, como a reforma tributária, a da Previdência,

um maior equilíbrio fiscal, mas citar apenas uma ou duas é restringir o que realmente está acontecendo.”

**25-12/11/2014**

### **Minério de ferro: megamineradoras não entrarão no vermelho apesar da tendência de baixa para 2015**

Um bom número de analistas, empresas de mineração e bancos estão apostando em preços deprimidos do minério de ferro para 2015. Até a Vale, geralmente otimista, concorda com essas estimativas.

Os australianos do Banco ANZ reduziram o sua previsão em 20%, para um preço por tonelada de US\$78. Já o Morgan Stanley acredita em uma queda menos acentuada e um preço médio de US\$87/t. O Goldman Sachs aposta em US\$80/t. Apesar desses preços afetarem os balanços das três grandes mineradoras de minério de ferro, eles não serão suficientemente baixos para criar um fluxo de caixa negativo.

Na realidade tanto a Rio, como a Vale e a BHP estão produzindo minério de ferro a custos baixos, em torno de US\$20/t. Infelizmente essas empresas, ao contrário das mineradoras de ouro, não costumam divulgar aos seus acionistas qual é o seu all-in sustaining costs, ou qual é o custo total geral por tonelada produzida e colocada no porto chinês. Isso dificulta a visualização do lucro real por tonelada produzida. Estima-se que esse custo esteja abaixo dos US\$40/t.

A megamineradora com o menor custo é a Rio Tinto, que produz. na Austrália. a US\$20,40/t, excluindo os custos de frete e dos royalties. Já a BHP, segundo o seu CEO, está em processo de se tornar a mais barata e otimizada das três. A Vale tenta reduzir os custos do frete usando os super navios valemax e a operação de transbordo e blendagem da Malásia.

Para essas empresas preços de US\$75 a US\$80/t ainda são extraordinários. Afinal não existe outro negócio na mineração com o volume do minério de ferro e com uma margem de 100%...

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**26-12/11/2014**

### **EXPOSIÇÃO MOSTRA FUNCIONAMENTO DA MINA DO SOSSEGO**

Com o tema Sossego-10 anos, a Vale e o Sindicato das Indústrias Minerárias do Estado do Pará (Simineral) abriram, na noite de ontem, a exposição fotográfica que mostra as atividades e o funcionamento da mina.

Localizada em Canaã dos Carajás, a Unidade do Sossego completou 10 anos, contribuindo com 50% do total de cobre produzido no Brasil. Em 2013 a mina produziu 119 mil toneladas de cobre contido em concentrado e somente este ano já alcançou 83 mil toneladas do produto.

O cobre é um dos metais mais utilizados do mundo, atrás apenas do ferro e do alumínio, sendo largamente empregado na geração e na transmissão de energia, em fiações e em praticamente todos os equipamentos eletrônicos, como televisão e o aparelho celular.

## **Público**

O Simineral sedia o evento pelo segundo ano consecutivo com um recorde de público de mais de 1.500 visitantes no ano passado. Segundo o presidente do sindicato, José Fernando Gomes, o evento é importante para aproximar a sociedade do setor mineral.

A atual gestão do Simineral tem promovido ações para mostrar à população que o setor está sempre presente no cotidiano das pessoas. “Estamos aqui para apoiar as empresas e levar a cultura minerária à sociedade, afinal a gente só ama o que conhece”, destaca José Fernando.

O evento aconteceu na Casa da Mineração, local que sedia também o IBRAM Amazônia, em Belém, e reuniu diversas empresas do setor e autoridades. Participaram ainda, os diretores da Vale Nelcindo Gonsález, Eugênio Victorasso e João Coral.

A galeria reúne diversas imagens da área de produção do Sossego como o passo a passo da produção, a lavra e os moinhos de bola.

Fonte: Diário do Pará

**27-12/11/2014**

## **2º WORKSHOP BAUXITA & ALUMINA DA AMAZÔNIA**

*Importância econômica e competitividade dos segmentos iniciais da cadeia produtiva do alumínio estão entre os temas que serão debatidos em dois dias, em evento no Belém (PA)*

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de bauxita e de alumina. Do estado do Pará saem 84% da extração nacional de bauxita e 54% da produção de alumina; os dois produtos, além de formarem hoje a principal pauta de geração de divisas para o setor, garantem vantagens na agregação de valor nas etapas seguintes da cadeia do alumínio.

A importância econômica desses segmentos produtivos; atuação responsável das empresas; investimentos em pesquisa e tecnologia; e as condições necessárias de competitividade para que a expansão da produção mineral na Região vá além das vantagens naturais do País serão alguns dos temas abordados no 2º Workshop de Bauxita & Alumina da Amazônia, dias 18 e 19 de novembro, integrando a programação oficial da **EXPOSIBRAM Amazônia 2014– Exposição Internacional de Mineração da Amazônia** ([www.exposibramamazonia.org.br](http://www.exposibramamazonia.org.br)), em Belém (PA).



O encontro é uma realização da Associação Brasileira do Alumínio – ABAL e das empresas associadas: Alcoa Alumínio, Norsk Hydro Brasil e Votorantim Metais. A inscrição para o workshop é gratuita, basta enviar um e-mail para comunicacao.informa@hydro.com.br com nome completo, ocupação profissional e empresa/instituição que representa. A participação também pode ser confirmada pelo telefone (91) 3739-2099. As vagas são limitadas a 200 nomes inscritos.

### **Serviço**

#### **2º Workshop Bauxita & Alumina da Amazônia**

**Local:** Hangar Centro de Convenções da Amazônia – Belém (PA)

**Data e Horário:** 18 e 19 de novembro de 2014, das 8h às 12h.

**Inscrições gratuitas:** comunicacao.informa@hydro.com.br

**Site:** www.exposibramamazonia@ibram.org.br

**28-12/11/2014**

### **IBRAM DIVULGA VENCEDORES DO PRÊMIO MELHORES PRÁTICAS EM SST**

*Mineradoras demonstraram empenho em criar soluções para a redução do número de acidentes no setor; colocação dos projetos será conhecida durante a cerimônia de entrega dos troféus, no dia 9 de dezembro*

Acaba de ser divulgado o resultado do **Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho**. Promovida pelo **IBRAM – Instituto Brasileiro de Mineração**, por meio do **MINERAÇÃO – Programa Especial de Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração**, com patrocínio do SESI/CNI, a iniciativa contou com a participação de mineradoras de todo o país, que submeteram cases de sucesso, desenvolvidos com o objetivo de contribuir com a redução do número de acidentes no setor. A colocação de cada um dos vencedores será divulgada no dia 9 de dezembro, durante a solenidade de premiação, que acontecerá na sede da FIEMG – Federação das Indústrias de Minas Gerais.

Para a coordenadora do **MINERAÇÃO**, Cláudia Pellegrinelli, a crescente participação no prêmio, que está em sua segunda edição, demonstra o envolvimento das empresas com o assunto. “Além de garantir a preservação de vidas, um pré-requisito fundamental para qualquer atividade econômica, o investimento em SST é, hoje, considerado um importante fator de competitividade na mineração mundial”, garante.

**Conheça, abaixo, os vencedores em cada uma das categorias:**

**Atendimento às Emergências:**



Mineração Rio do Norte, com o case “Simulados de Emergência MRN 2013”; Votorantim Metais, com os projetos “Plano de Auxílio Mútuo de Juiz de Fora” e “Emergência em Cargas Perigosas”; e Yamana Gold, com “Atendimento às Emergências”.

### **Sistemas de Comunicação de SST Eficazes Utilizados nas Operações de Trabalho:**

AngloGold Ashanti, Mineração Usiminas e Samarco Mineração, com os casos “Comunicado de Incidentes e Sistema de Acompanhamento de Pendências: implantação em Córrego do Sítio”, “Registro de Desvios” e “Sistema de Bloqueio Lógico Redundante”, respectivamente.

### **Sistemas Eficazes de Capacitação de Trabalhadores:**

Anglo American, com “Capacitação em Segurança e Saúde Ocupacional”; Vale, com o projeto “Valorizando Vidas DIPF”; e Yamana Gold, com “Sistema de Gestão de Capacitação de Colaboradores”.

### **Premiação**

Os classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar de todas as categorias serão homenageados na solenidade de entrega do prêmio. Cada empresa premiada em primeiro lugar será convidada a apresentar o case vencedor durante o 16º Congresso Brasileiro de Mineração, que acontecerá durante a Exposibram 2015, a maior feira de mineração de toda a América Latina. Os demais cases classificados serão beneficiados com a divulgação de matéria jornalística publicada no site do Programa MINERAÇÃO e/ou outros meios de divulgação do IBRAM, dando realce às práticas adotadas.

### **O Programa**

O MINERAÇÃO – Programa Especial de Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração é promovido pelo **IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração** e representa uma das mais importantes iniciativas brasileiras na área. O Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho tem como objetivo reconhecer as melhores práticas adotadas pelas empresas e seus esforços na melhoria das condições de segurança e saúde no ambiente de trabalho dos brasileiros, além de divulgar para a sociedade ações bem-sucedidas na área de SST.

Mais informações sobre o Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho estão disponíveis no site [www.programamineração.org.br](http://www.programamineração.org.br).

Fonte: ETC Comunicação

**29-12/11/2014**

## **TERRAS RARAS**

### **CBMM quer chegar ao Neodímio metal**

Avançando em seu objetivo de tornar-se um player importante no mercado de terras raras, a CBMM firmou um convênio com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), de São Paulo, visando ao desenvolvimento de tecnologia para obtenção do Neodímio na forma de metal a partir de óxidos de terras raras produzidos pela empresa em Araxá (MG). O convênio, com prazo de dois anos, tem como principal objetivo a produção de metal com 99% de pureza. O investimento previsto para o projeto é de R\$ 9,540 milhões, a serem bancados, de forma tripartite, pela CBMM, pela CNI (através da empresa Embrapii) e pelo IPT (aportados na forma de pessoal e instalações para a realização da pesquisa). O Neodímio é um dos elementos de terras raras com maior demanda mundial (cerca de 120 mil toneladas/ano), sendo aplicado principalmente na fabricação de ímãs como os que são utilizados em motores e geradores de turbinas eólicas. Hoje, o Neodímio e o Prazeodímio são os dois elementos que estão movendo a indústria de terras raras. A produção de óxidos de terras raras na CBMM está sendo feita a partir do minério de Monazita, que é rejeito no processo de produção do nióbio. Para a concentração, a empresa desenvolveu tecnologia própria e opera uma planta-piloto com capacidade de produzir 1.000 toneladas por ano de sulfato duplo e hidróxido de terras raras e que pode ser facilmente expandida para 3 mil toneladas anuais. Para a separação dos óxidos de terras raras, a CBMM também já desenvolveu processo próprio e instalou uma planta-piloto com capacidade entre 6 e 8 toneladas anuais, que está em operação desde o início de 2014. Agora, a meta é chegar ao metal. Segundo Tadeu Carneiro, dirigente da CBMM, a companhia tem aprovados recursos de R\$ 70 milhões para investimento em projetos de tecnologia de terras raras.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**30-12/11/2014**

## **MINÉRIO DE FERRO**

### **Exportações têm leve queda em setembro**

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase), as exportações de minério de ferro em setembro de 2014 somaram 26,303 milhões tmn, uma leve queda na comparação com o mesmo mês do último ano (26,546 tmn). No acumulado até setembro, as vendas externas foram de 220,457 milhões tmn, contra 206,394 milhões tmn registradas no mesmo período de 2013. Como sempre, as maiores vendas externas foram feitas pela Vale e empresas coligadas – 23,566 milhões tmn; seguida pela Samarco – 2,736 milhão tmn. As exportações de pelotas totalizaram 5,152 milhões tmn – volume maior que as 3,615 milhões tmn registradas em setembro de 2013. No acumulado até setembro, foram vendidas 18,851 milhões tmn, contra 19,455 milhões tmn entre janeiro e setembro de 2013. Em setembro de 2014, as vendas nacionais de minério de ferro + pelotas atingiram 2,130 milhões tmn (contra 2,479 milhões tmn em setembro de 2013).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**31-12/11/2014**

## **SIDERURGIA**

### **Gerdau volta a rever investimentos para 2014**

Com a retração das vendas no Brasil e demais países da América Latina, aliada à pressão sobre as margens, por conta do excesso de capacidade de produção, a Gerdau decidiu rever – pela segunda vez – a projeção de investimentos em ampliação e modernização de fábricas este ano. No início de 2014, o Grupo previa investir R\$ 2,9 bilhões, valor agora rebaixado para R\$ 2,1 bilhões. Para 2015, a expectativa é que os aportes cresçam um pouco, para R\$ 2,3 bilhões. Mesmo assim, os investimentos ficam aquém dos valores de R\$ 2,6 bilhões (2013) e de R\$ 3,1 bilhões (2012). Atualmente, o excesso de capacidade do setor no mundo é de 690 milhões t, o que deve continuar a impactar o balanço das siderúrgicas nos próximos trimestres.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**32-12/11/2014**

## **VALE**

### **Ibama concede LO para cava N4WS em Carajás**

A Vale obteve Licença de Operação para ampliação da cava N4WS, localizada em Carajás (PA). Por se tratar de uma operação de mina, não houve a necessidade da obtenção de uma licença de instalação antes da concessão da referida LO. Com o documento aprovado pelo Ibama, os próximos passos da Vale são a obtenção da autorização de supressão vegetal – também a ser autorizada pelo Ibama - e o início do desenvolvimento da mina, imediatamente após a obter a autorização. O aval concedido suporta o plano de produção nos anos de 2015 e 2016 do complexo minerador de Carajás e é um grande avanço no processo de crescimento da produção de minério de ferro, informou a Vale. O Ibama, ICMBio e a Vale continuam trabalhando em conjunto no processo de licenciamento da cava N5S no Sistema Norte em Carajás.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**33-12/11/2014**

## **LOGÍSTICA**

### **Vale inaugura CD na Malásia**

A Vale investiu US\$ 1,37 bilhão no recém-inaugurado Centro de Distribuição na Malásia, o Terminal Marítimo Teluk Rubiah, com capacidade de receber e exportar 30 milhões de t/ano de minério de ferro. A obra visa atender aos clientes da mineradora na Ásia. As instalações são compostas por um porto de águas profundas e cinco pátios de estocagem, onde diferentes tipos de minério de ferro podem ser misturados e

customizados de acordo com as necessidades das siderúrgicas. Equipado com um berço de importação com capacidade para descarregar navios de até 400 mil t e um berço de exportação capaz de carregar navios do tipo Capesize, o centro de distribuição é todo automatizado, garantindo a eficiência no processo. Até outubro, Teluk Rubiah já havia descarregado oito Valemaxes e carregado cinco Capesizes com sucesso. "Teluk Rubiah faz parte da estratégia de negócios da Vale de investir em soluções que visem melhorar a capacidade da empresa de fornecer minério de ferro de uma maneira cada vez mais eficiente aos mercados asiáticos", disse o Diretor-Presidente Murilo Ferreira. "O centro de distribuição aproxima as nossas minas dos nossos clientes na Ásia". As operações da Vale em Teluk Rubiah vão gerar aproximadamente 600 empregos diretos e 1.200 indiretos na região. Mais de 90% dos empregados da Vale são locais e 60% ingressaram por meio de programas de treinamento organizados pela empresa com o objetivo de recrutar e treinar recém-formados das comunidades locais. Desde o início da implementação do empreendimento, em 2011, a Vale investiu mais de US\$ 10 milhões em várias iniciativas socioambientais.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**34-12/11/2014**

## **CROMITA**

### **Largo Resources inicia exploração na BA**

A Largo Resources iniciou programa de exploração de cromita e de metais do grupo da platina no prospecto Capivara, localizado na região de Maracás (BA), mas fora da área de mineração da mina de vanádio Maracás Menchen. Segundo comunicado enviado pela Largo ao mercado, a empresa descobriu cromita no prospecto Capivara recentemente, tendo em vista que o objetivo inicial era avaliar os horizontes de magnetita conhecidos, incluindo áreas com alto teor de vanádio. Foram descobertas zonas que contêm camadas de cromita com sulfetos finos. As amostras foram coletadas e enviadas a um laboratório, mas os resultados ainda não estão prontos. De acordo com a Largo, os horizontes de magnetita ficam cerca de 32 km ao norte da cava Campbell, que pertence à mina de vanádio Maracás Menchen. A Largo informou que existem pelo menos duas zonas de cromita a partir de 20 m a 25 m da superfície. Essas zonas estão cerca de 400 m a oeste dos horizontes de magnetita, que contêm vanádio e platina anômala. As camadas de cromita maciças possuem cerca de 0,5 m a 1 m de espessura e estão separadas por material que contém menor teor de cromita, cerca de 10%, e sulfetos disseminados. "Estamos muito satisfeitos com a descoberta das camadas de cromita e a possibilidade de a mineralização de PGM estar relacionada com os sulfetos. Elas são semelhantes a outras intrusões em camadas, como Great Dyke, Bushveld e Stillwater [depósitos de metais da platina]", afirmou Robert Campbell, Vice-Presidente de Exploração da Largo.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**35-13/11/2014**

## **POLI-USP**

### **Engenharia de Minas e Metalurgia faz 75 anos**

Os Chefes do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais (PMT) e do Departamento de Engenharia de Minas e de Petróleo (PMI) da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) realizam, dia 02 de dezembro, às 19 horas, evento comemorativo aos 75 anos do Curso de Engenharia de Minas e Metalurgia. O encontro terá coquetel e visita aos departamentos a partir das 18 horas. O evento acontece no Auditório do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais, na Av. Mello Moraes, 2463, na Cidade Universitária, São Paulo. A presença pode ser confirmada pelo telefone (11) 3091-5654 ou pelo e-mail [eventos@poli.usp.br](mailto:eventos@poli.usp.br).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**36-13/11/2014**

## **CETEM**

### **Livro sobre recursos minerais e comunidades**

Após três anos de pesquisas, está sendo lançado, no dia 14 de novembro, o livro “Recursos Minerais e Comunidade: impactos humanos, socioambientais e econômicos”, editado pelo Centro de Tecnologia Mineral (CETEM/MCTI). A publicação relata estudo de 105 territórios que sofreram os impactos da atividade mineradora em 22 estados brasileiros. Com 380 páginas repletas de gráficos e mapas, a pesquisa que gerou o livro fez um levantamento nas cinco regiões brasileiras, destacando o minério de ferro e o ouro como os minerais que mais contribuíram para os efeitos da mineração sobre o patrimônio natural e a vida das populações, consequência do funcionamento de três mil minas e nove mil mineradoras, além de centenas de garimpos legais e clandestinos. Minas Gerais é o estado com o maior número de casos avaliados, seguido por Pará e Bahia. O objetivo do livro, além de mostrar o retrato da realidade da ação do setor mineral, é sensibilizar a população, órgãos públicos e empresariado para a necessidade de adoção de práticas de sustentabilidade. O trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do CETEM reúne 1.500 documentos, catalogados a partir de consulta na Internet, bibliotecas e instituições de pesquisa, meios impressos, teses/dissertações, relatórios acadêmicos/técnicos, artigos em periódicos, congressos, notícias e reportagens, ações do Ministério Público ou em processos na Justiça. O estudo estará disponível no Banco de Dados do projeto, no site do CETEM, para livre consulta, a partir do dia 14 de novembro: <http://www.cetem.gov.br/>. Em cada estudo do livro, coordenado pelo pesquisador Francisco Rego Chaves Fernandes, consta a apresentação do caso, a localização geográfica, o mineral extraído, os efeitos ambientais e socioeconômicos que provoca, e as referências bibliográficas.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 678

**37-13/11/2014**

## **Casas de análise cortam Vale, CSN, Ambev e Mills**

Por **Renato Rostás, Cibelle Bouças, Daniela Meibak e Beth Koike** | De São Paulo

As menores projeções para o minério de ferro divulgadas na terça-feira levaram o Citi a revisar suas projeções para a Vale e para a CSN. No caso da mineradora, o banco rebaixou sua recomendação para as ações de neutra para venda. Além disso, o preço-alvo para os ADRs (papéis negociados em Nova York) atrelados às ações ordinárias da Vale foi cortado de US\$ 12,50 para US\$ 8 e para os recibos de preferenciais, de US\$ 11 para US\$ 7.

Para a CSN, a expectativa de que o segmento de mineração da companhia praticamente deixe de ser rentável a partir do ano que vem fez com que o Citi cortasse o preço-alvo para as ações de R\$ 8,50 para R\$ 7,50. Sem espaço para valorização, a recomendação foi mantida em venda.

O Citi cortou suas projeções para o preço do minério de ferro em US\$ 25, para US\$ 65 a tonelada para o ano que vem e o seguinte. "Somos uma das instituições mais pessimistas com a commodity, mas subestimamos a velocidade com que os preços poderiam cair", admitiu o banco.

De acordo com os analistas Alexander Hacking, Thiago Ojea e Andrew McCarthy, que assinam o relatório com as revisões para as companhias, é muito difícil que a Vale consiga agradar ao mercado com as estimativas cada vez mais negativas para a principal commodity que produz. Mesmo assim, o trio lembra que a empresa é uma das últimas do setor que ainda se mantém rentável apesar da piora das cotações do insumo.

Com a expectativa de continuidade do enfraquecimento para o mercado do insumo, a perspectiva de lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) por tonelada para a Vale ficou em US\$ 10, ante projeção de US\$ 37 para o acumulado de 2014.

No caso da siderúrgica de Benjamin Steinbruch, a projeção de preço de US\$ 65 a tonelada do minério de ferro para 2015 e 2016 fará com que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) da área de mineração da companhia seja praticamente zerado. Agora, a previsão é de prejuízo líquido nos dois próximos anos: de R\$ 682 milhões em 2015 e de R\$ 670 milhões em 2016. Pelas contas do Citi, a receita líquida de 2015 deve cair 8,2% em relação a este ano, para R\$ 14,61 bilhões.

Já o J.P. Morgan reduziu a recomendação para as ações da Ambev de compra para manutenção e baixou o preço-alvo para o papel em 2015 de R\$ 20 para R\$ 17, o que equivale a uma retração de 15%. Em relatório, o banco informou que a redução deve-se à falta de fundamentos que poderiam levar a companhia a crescer no próximo ano. A

instituição também acrescentou como fatores negativos a perspectiva de aumento nos custos da companhia com a necessidade de racionamento de água e energia elétrica no país, aumento da carga tributária sobre o setor no próximo ano e a perspectiva de desvalorização do real.

Ainda de acordo com o J.P. Morgan, a Ambev possui uma gestão sólida e tem potencial de garantir a investidores um retorno com dividendos de 5%. No entanto, a desaceleração do consumo e o aumento de custos, incluindo o do alumínio para produção de latas, custos de energia e água, devem comprimir as margens da companhia, em um momento em que a empresa já enfrenta dificuldades para reajustar preços.

Outra empresa que passou por revisão foi a Mills. Após a divulgação dos resultados do terceiro trimestre, o Credit Suisse decidiu cortar o preço-alvo para as ações da empresa de produtos e soluções de engenharia, de R\$ 30 para R\$ 18. A recomendação, contudo, foi mantida em compra.

A redução, segundo a casa de análise, não é só explicada pela abordagem mais conservadora em relação às taxas de utilização e os retornos (yields), que implicam retorno sobre capital investido (Roic, na sigla em inglês) de 12% para os próximos anos. Mas também devido aos menores investimentos nos próximos cinco anos.

"Para a maior parte de 2014, enquanto a administração da empresa manteve um tom cautelosamente otimista, a realidade se mostra mais difícil. Isso foi marcado por resultados mais fracos do que o esperado, desaceleração nas taxas de crescimento e declínio no retorno sobre capital investido", destacou Bruno Savaris, que assina o relatório do Credit Suisse. "A perspectiva de curto prazo não parece ser melhor", completou.

Após incluir os resultados do terceiro trimestre no caso de análise e contabilizar a perspectiva econômica fraca de curto prazo ao reduzir as taxas de utilização para construção, o Credit atualizou a projeção de lucro de 2014 para R\$ 87 milhões, 50% menor, e de 2015 para R\$ 104 milhões, 19% maior.

Na contramão, o preço-alvo para a ação da Abril Educação foi elevado pela BB Investimentos de R\$ 11,20 para R\$ 12,40, com recomendação neutra (market perform). "Em nosso modelo, consideramos a projeção da receita baseada na evolução da população total, projeção do PIB e na evolução de matriculados na educação básica. Além disso, ponderamos ajustes do tíquete médio das operações pela inflação projetada", justificam os analistas Mario Bernardes Júnior e Gabriela Cortez, em relatório.

Segundo os especialistas, há boas perspectivas nos segmentos de sistemas de ensino, escolas e cursos preparatórios, com a ressalva de que a companhia consiga consolidar e

obter sinergias com os negócios adquiridos. Eles ressaltam, no entanto, que a companhia atravessa um momento sensível, principalmente, no segmento de editoras.

A Abril Educação registrou no terceiro trimestre um prejuízo de R\$ 18,7 milhões, o que representa aumento de quase 24% em relação a um ano antes. O desempenho negativo na última linha do balanço da companhia é consequência de um aumento de 58% nos custos das mercadorias vendidas, que somaram R\$ 68,7 milhões. Já a receita líquida registrou alta de 18%, para R\$ 210,6 milhões, no mesmo período.

**38-13/11/2014**

### **Revisão de processos melhora diálogo com vários públicos**

Por **De Belo Horizonte**

A exploração de minério de ferro com tecnologias inovadoras em Canaã dos Carajás (PA) deve se tornar referência no setor e a principal vitrina socioambiental da Vale. Um relato sobre o projeto Ferro Carajás S11D foi apresentado pela diretora de meio ambiente da mineradora, Gleuza Jesué, em palestra no Fórum Inovação Social, Eficiência e Produtividade Empresarial, realizado dia 11 pelo **Valor** na capital mineira. Quando entrar em operação em 2016, o empreendimento produzirá 90 milhões de toneladas métricas de minério por ano, equivalentes a US\$ 5 bilhões a mais na balança comercial brasileira, estima a empresa.

Líder mundial na produção de minério de ferro, a Vale vem revisando suas ações para incorporar os princípios de sustentabilidade aos negócios e melhorar o diálogo com os stakeholders. "Tínhamos um relacionamento muito ruim com os órgãos ambientais e, a partir de um grupo de trabalho criado em 2010, chegamos à conclusão de que 90% de todos os nossos problemas eram internos", disse a executiva a 180 empresários e acadêmicos. "Iniciamos então um amplo processo de mudança, que está em curso e não tem data para acabar".

Um programa de capacitação ambiental criado em 2011 já envolveu mais de mil empregados com temas como licenciamento, manejo de fauna, povos tradicionais, arqueologia e recursos hídricos. Este ano a empresa lançou um guia de educação ambiental para uniformizar seus procedimentos.

"Temos tido uma discussão maior com as comunidades sobre o legado que nós vamos deixar, em um processo participativo que efetivamente contribua para a qualidade de vida", afirmou Gleuza Jesué. "A partir do momento em que as pessoas entenderem que licenciamento ambiental é uma ferramenta de gestão, a gente reduz custos e potencializa os ganhos."

A mina integra o Complexo Mineral de Carajás e inicialmente foi concebida segundo o modelo convencional, mas a Vale decidiu adotar práticas e tecnologias de ponta para reduzir os impactos socioambientais e aumentar a produtividade. Um sistema de correias transportadoras de minério dispensa o uso de caminhões, o que deve reduzir em 77% a emissão de CO<sub>2</sub> e o consumo de óleo diesel, além de economizar 92% em pneus.



Com o beneficiamento a seco, quase não há consumo de água na operação. A área ocupada é pequena e está quase toda em pastagens, fora da Floresta Nacional de Carajás.

No pico das obras, devem ser criados 30 mil empregos diretos e na fase de operação, 2,6 mil postos permanentes de trabalho. Os investimentos previstos somam US\$ 19,5 bilhões, dos quais US\$ 8 bilhões na mina e na usina e o restante em logística. Está prevista a construção de um ramal ferroviário entre em Canaã dos Carajás e Parauapebas para escoar a produção pela estrada de ferro Carajás até o Porto de São Luís. Maior projeto em execução nos 30 países onde a Vale atua, o empreendimento deve elevar em 14% o Produto Interno Bruto (PIB) do Pará, gerando um novo ciclo de desenvolvimento regional.

O escritor e administrador Fernando Dolabela, autor do livro "O segredo de Luísa" e presidente da Starta Empreendedorismo e Inovação, ressaltou o papel estratégico do protagonismo. Com 12 títulos e 400 mil livros vendidos, ele já deu palestras sobre inovação em 2 mil escolas de 140 cidades, incentivando crianças e adolescentes a criarem seus próprios negócios. "Quando eu pergunto 'qual é o seu sonho?', meu objetivo é dizer aos estudantes que eles são protagonistas de si mesmos", afirmou.

Dolabela recentemente foi contratado pelo governo peruano para criar um marco de educação empreendedora no currículo escolar do país andino, uma iniciativa ainda inexistente no Brasil. "Corremos o risco de ficar para trás", alertou. Ele também se referiu ao livro lançado em setembro, "Empreendedorismo na base da pirâmide", que escreveu com o economista Marco Gorini. A obra propõe uma solução de parceria ganha-ganha entre grandes corporações e "nanoempreendedores", como estratégia complementar de atuação no mercado.

O projeto Tenda, desenvolvido para a rede atacadista de supermercados, propõe fortalecer em médio prazo seus 350 mil nanoempreendedores-clientes. "Não é assistencialismo, nem usamos dinheiro público", enfatizou. "É um projeto capitalista, que pode ser desenvolvido por grandes empresas para criar novos consumidores". Dolabela defendeu uma mudança na concepção social sobre as pessoas que estão na base da pirâmide, que de acordo com ele são "extremamente criativas". Afirmou também que o sistema piramidal inibe as boas ideias: "Hierarquias são feitas para reproduzir conhecimentos, mas a inovação se dá em ambientes de rede, ambientes de liberdade".

O debate contou ainda com a participação do gerente de inovação e planejamento estratégico da Fiat Chrysler Latam, Paulo Matos, que falou sobre a evolução da indústria automobilística desde a criação do primeiro protótipo de carro, em 1769. "Antes a ênfase era nos aspectos metal-mecânico e de design, mas o grande desafio hoje é o automóvel-plataforma: um objeto de relacionamento, construído em processo colaborativo, com matéria-prima predominantemente digital e foco nas relações", disse.

**39-13/11/2014**

## **Divididos, bancos apontam lucro e prejuízo para CSN**

Por **Ivo Ribeiro** | De São Paulo

Analistas de bancos que acompanham a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) estão divididos sobre os resultados do balanço que a empresa deverá divulgar amanhã, antes da abertura do mercado, referente aos números do quarto trimestre. As projeções apontam desde um prejuízo de R\$ 262 milhões, ante um ano atrás - caso do Morgan Stanley -, até um lucro líquido de R\$ 212 milhões, na visão do Itaú BBA.

Para o Morgan Stanley, a companhia controlada pela família Steinbruch apresentou queda de 21% na receita líquida, estimada em R\$ 3,7 bilhões, em relação ao mesmo trimestre do ano passado. E teve recuo de 26% no resultado operacional, medido pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações).

Conforme a projeção do banco, o Ebitda ficará em R\$ 1,18 bilhão, comparado com R\$ 1,52 bilhão de um ano atrás. Com isso, a margem terá queda de três pontos percentuais, para 30%.

Na última linha do balanço, o banco prevê prejuízo de R\$ 262 milhões, ante lucro de R\$ 500 milhões no mesmo período de 2013 e ganho de R\$ 19 milhões no segundo trimestre de 2014.

Já a equipe de analistas do Itaú BBA - Marcos Assumpção, André Pinheiro e Daniel Sasson - em relatório, estima lucro líquido de R\$ 212 milhões para a empresa no trimestre passado, o que representa queda de 58% ante o mesmo trimestre de 2013.

Eles observam em seu comentário que esperam a divulgação de vendas físicas estáveis em relação às do segundo trimestre, com 1,26 milhão de toneladas, mas um mix de venda mais fraco. Em relação ao volume do mesmo período do ano passado, que alcançou 1,53 milhão de toneladas, a projeção é de baixa de 17,6% na comercialização.

A expectativa do Itaú BBA para o Ebitda é de R\$ 1,2 bilhão, 27% menor que o de um ano atrás. Apontam que a margem do negócio de aço, especificamente, caiu de 28% para 27%. Na margem consolidada, somando o resultado de minério de ferro, a expectativa é de queda de quase 6 pontos percentuais, para 29%.

Do segundo para o quarto trimestre, informam os analistas do Itaú BBA, os preços do minério caíram 11%. A previsão de embarques do produto mostra crescimento de 8,8%, para 8,3 milhões de toneladas, sobre o mesmo período de 2013 e de 15,7% ante o trimestre anterior.

A receita líquida da CSN prevista pelo banco indica declínio de 13%, para R\$ 4,05 bilhões, quando se compara com R\$ 4,66 bilhões de um ano atrás.

Já o banco BTG Pactual projeta retração de 9% na receita líquida (R\$ 4,22 bilhões) e um declínio acima de 20% no Ebitda (R\$ 1,09 bilhão), com margem consolidada de 26%. O lucro líquido previsto pelo banco é de apenas R\$ 2 milhões no trimestre.

A prévia de resultado do Goldman Sachs aponta lucro líquido de R\$ 133 milhões entre julho e setembro, uma retração de 74% sobre o desempenho de igual período em 2013. A estimativa é de R\$ 1,16 bilhão para o Ebitda (33% inferior), com margem de 28% (decréscimo de 9 pontos percentuais).

A receita líquida de R\$ 4,07 bilhão mostra recuo de 13% na comparação com terceiro trimestre do ano passado.

**40-13/11/2014**

### **Robô Philae aterrissa sobre cometa (ESA)**



O pequeno robô Philae pousou nesta quarta-feira sobre um cometa, o que representa um marco na história da exploração espacial, anunciou a Agência Espacial Europeia (ESA).

"Nós estamos sobre o cometa" 67P/Churyumov-Geramisenko, e "estamos muito felizes", declarou pouco após às 16h00 GMT (14h00 no horário de Brasília) Andrea Accomazzo, diretor de voo da missão Rosetta no Centro Europeu de Operações Espaciais (ESOC) em Darmstadt (Alemanha), sob os aplausos da equipe.

"É um grande passo para a civilização humana", comentou Jean-Jacques Dordain, diretor-geral da ESA. "Nós somos os primeiros a ter realizado este feito e é isto que ficará para sempre", acrescentou.

Desde 6 de agosto, o robô acoplado a sonda não tripulada Rosetta se desloca a poucos quilômetros do corpo celeste a mais de 450 milhões de quilômetros da Terra, acompanhando o cometa em sua viagem à medida que se aproxima do Sol.

O módulo Philae permitirá explorar diretamente o núcleo do cometa, ou seja, a parte sólida que, com o efeito da radiação solar, gera a "coma" ou cabeleira e deixa uma cauda visível de gases e poeira.

**41-13/11/2014**

### **Minério de ferro: modernizar, otimizar e negociar para sobreviver**

A guerra dos preços do minério de ferro não tem data para acabar. Praticamente todos acreditam em um 2015 com preços baixos variando de 70 a 80 dólares por tonelada. Esse patamar será o beijo da morte para muitos mineradores.

Para aqueles que ainda tem alguma margem é hora de fazer uma profunda reengenharia.

Reduzir custos, otimizar processos, maximizar capacidades e negociar com fornecedores, prestadores de serviços e até com o Governo vai fazer a diferença entre a vida e a morte de muita empresa de mineração. A solução deve ser compartilhada, pois ultimamente quem perde com a quebra das empresas é a própria sociedade.

Se a presidente Dilma está disposta ao diálogo está na hora das mineradoras iniciarem uma negociação para, junto com o Governo, encontrarem uma solução para a crise que está se instalando.

Enquanto a negociação não chega é fundamental reduzir os custos do frete, do transporte e dos embarques. Os custos logísticos e tarifas portuárias estão literalmente inviabilizando muitas operações no Brasil, principalmente daquelas empresas que não tem porto e ferrovia próprios.

As tarifas portuárias são ridiculamente elevadas.

A Ferrous Resources ofereceu pagar à Vale US\$17,04 por tonelada a ser embarcada no terminal da Vale. Um valor absurdo praticamente igual a todo o custo de lavra da Ferrous. Mesmo assim o negócio não prosperou... Some-se a isso o custo do transporte (US\$25/t) e veremos que a margem de lucro da Ferrous Resources evaporou entre a mina e a chegada a um porto chinês.

Para a Vale, a dona do terminal, obviamente não interessa baixar custos ou facilitar a vida de concorrentes...

Poucas empresas conseguiram negociar contratos de longo prazo para volumes enormes como a Anglo, que conseguiu um custo de US\$7,10/t para o minério de Minas-Rio. A Usiminas paga US\$12,63/t, mas a maioria das mineradoras está nas mãos dos operadores de portos.

Em um país com poucos portos, raras ferrovias, inúmeros gargalos infraestruturais e custos elevados o ano de 2015 promete ser desesperador para as produtoras de minério de ferro brasileiras.

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**42-13/11/2014**

### **Procuradorias asseguram condenação de particular que extraiu 28 mil m<sup>3</sup> de areia em área da União**

A Advocacia-Geral da União (AGU) assegurou, na Justiça, o ressarcimento de R\$ 600 mil por um particular que extraiu ilegalmente cerca de 28 mil m<sup>3</sup> de areia em terreno localizado na Rodovia BR 174, no estado do Amazonas. A ação foi ajuizada pela União

e pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

As procuradorias da AGU esclareceram que em março de 2012, após receberem denúncias da Associação de Moradores da Comunidade Novo Paraíso, os técnicos do DNPM realizaram uma investigação na área, com registro de licença número 034/2011. Segundo a Advocacia-Geral, foi constatado que a mulher retirou os minerais da natureza de forma irregular e sem autorização da autarquia federal, tornando o ato crime ambiental.

As unidades da AGU explicaram que os recursos minerais são bens da União e somente podem ser explorados com autorização do Ministério de Minas e Energia, precedida de autorização de pesquisa mineral emitida pelo DNPM.

Os advogados públicos argumentaram, ainda, que o valor a ser ressarcido foi calculado com base na Resolução nº 021/2012, da Secretaria de Fazenda de Goiás (Gsefaz), que estabelece a quantia média de R\$ 21,70, baseada em cálculos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), por cada m<sup>3</sup> de areia retirada da natureza sem autorização do órgão competente.

A 7ª Vara da Seção Judiciária do Amazonas, especializada em matéria ambiental e agrária, acolheu os argumentos apresentados pela AGU e condenou a autora da irregularidade a ressarcir R\$ 628.767,37, que corresponde ao valor da areia retirada da natureza ilegalmente, além do pagamento de R\$ 3 mil pelas despesas e honorários advocatícios. "Mais do que bens da União, os recursos minerais estão intrinsecamente ligados ao meio ambiente, pelo simples fato de estarem alocados na própria natureza, sendo a sua exploração descontrolada capaz de acarretar graves danos ambientais", diz um trecho da decisão.

Atuaram no caso as procuradorias Federal e da União no Estado do Amazonas (PF/AM e PU/AM) e a Procuradoria Federal junto ao Departamento (PF/DNPM).

A PF/AM e a PF/DNPM são unidades da Procuradoria-Geral Federal (PGF). A PU/AM é unidade da Procuradoria-Geral da União (PGU). A PGF e a PGU são órgãos da AGU.

Ref.: Ação Civil Pública nº 4300-52.2014.4.01.3200 - 7ª Vara da Seção Judiciária do Amazonas.

**43-14/11/2014**

### **DNPM recebe fósseis repatriados ao Brasil pelo governo francês**

Durante cerimônia realizada na embaixada da França, em 5 de novembro, o embaixador Denis Pietton entregou aos representantes da Polícia Federal brasileira e ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) fósseis de grande valor

patrimonial. O evento contou com a participação do diretor-geral substituto do órgão, Victor Bicca, do diretor de Fiscalização da Atividade Minerária, Walter Arcoverde, e do chefe da Divisão de Proteção de Depósitos Fossilíferos, Felipe Barbi.

Esses 13 fósseis são da espécie *Mesosaurus Braziliensis*, um pequeno réptil encontrado no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil que têm idade aproximada de 250 milhões de anos. Eles foram apreendidos pela aduana francesa em 2006, no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris.

O diretor Walter Arcoverde disse que o fato ocorrido nos trouxe grande satisfação pelo caráter inédito e, acima de tudo, por ter sido um trabalho de equipes e instituições. Walter lembrou ainda que, em 2006, informado pelo jornalista Cláudio Ângelo, do Jornal Folha de São Paulo, iniciou-se gestões junto à embaixada brasileira na França, com vistas à repatriação dos espécimes fósseis.

Segundo o chefe da Divisão de Proteção de Depósitos Fossilíferos do DNPM, Felipe Barbi Chaves, os fósseis são tipicamente encontrados na formação Irati da Bacia do Paraná. Esses foram encontrados no oeste do estado de São Paulo. “É um material já conhecido, já estudado e, o que é importante para nós, é que, além de ser um material tipicamente brasileiro, é uma importante evidência do que a gente chama de tectônica de placas, de que o continente americano já esteve unido à África em determinado momento”, explicou Chaves.

De acordo com o conselheiro de Imprensa e Comunicação da Embaixada da França, Thibaut Lespagnol, antes de serem devolvidos, os fósseis passaram por perícia paleontológica na França para confirmar a origem brasileira. Depois disso, foram confiscados pela Justiça francesa para serem encaminhados ao Brasil, após recebimento de uma queixa por parte do Estado brasileiro, providenciada à época pela Embaixada brasileira em Paris.

“Tanto para a França quando para o Brasil, o patrimônio histórico é muito importante. Porque a história é a nossa identidade, para nós é uma evidência que, se pertence ao Brasil, temos que fazer todo o possível para que volte ao Brasil”, disse Lespagnol.

Fonte: DNPM

**44-14/11/2014**

### **O retorno da Esmeralda Bahia**

A Esmeralda Bahia é a maior esmeralda descoberta, em 2001, no planeta. Esta peça gigantesca com 180.000 quilates (foto) foi descoberta na Bahia e é objeto de uma disputa judicial internacional que se alonga por quase uma década. A pedra, com 380kg, tem esmeraldas euédricas incrustadas, que foram avaliadas em dois bilhões de dólares. No momento a pedra se encontra retida na Corte de Los Angeles.

Agora, após todos esses anos, a Advocacia Geral da União (AGU) requereu à Corte de Los Angeles a extinção do processo e o retorno da Esmeralda Bahia ao Brasil. A AGU alega que a pedra foi extraída sem autorização, em território brasileiro e contrabandeada ao exterior ilegalmente.

Vários órgãos do Governo, como o DNPM e Receita Federal subsidiam o pedido da AGU. O DNPM avalia que a peça possa valer US\$2 bilhões e deve ser destinada a museus. A ação penal que envolve os autores transita em sigilo em S. Paulo.

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**45-14/11/2014**

## **ANGLO AMERICAN REAFIRMA COMPROMISSO COM O BRASIL**

*Mineradora participa da Exposibram Amazônia 2014*

A Anglo American é patrocinadora ouro da edição 2014 da **Exposição Internacional de Mineração da Amazônia (Exposibram Amazônia 2014)**, que acontece de 17 a 20 de novembro de 2014 em Belém, no Pará. Em seu estande, localizado na rua C do Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, os visitantes poderão conhecer melhor os negócios operados pela empresa no Brasil, além dos projetos e iniciativas de gestão social, segurança e recursos humanos, entre outros temas que confirmam o compromisso da companhia com o país.

A Anglo American atua no Brasil desde 1973 e hoje está presente atuando com quatro produtos: minério de ferro, com o Sistema Minas-Rio, que acaba de ser implantado nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro; níquel, com operações nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, em Goiás; fosfato, com as operações em Ouvidor (GO), Catalão (GO) e Cubatão (SP), e nióbio, presente em Catalão e Ouvidor.

## **MINÉRIO DE FERRO BRASIL**

A Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American é responsável pela operação do Sistema Minas-Rio, um dos maiores empreendimentos globais da empresa, que teve seu primeiro embarque de minério de ferro realizado no último dia 25 de outubro. O navio Key Light, com mais de 80 mil toneladas de carga, foi carregado no terminal dedicado de exportação de minério de ferro no Porto do Açu, Rio de Janeiro, e a embarcação está atualmente a caminho da China.

“Estamos muito contentes com a realização do primeiro embarque do Sistema Minas-Rio e essa é uma prova do grande esforço e dedicação de todo o time, incluindo nossas empresas contratadas, fornecedores, parceiros e o apoio das autoridades reguladoras e do governo no Brasil ao longo dos anos. Nosso foco daqui em diante é alcançarmos nossa capacidade de produção anual de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro nos próximos 18-20 meses, e na manutenção de licenças e de autorizações necessárias à medida que avançamos na nossa operação”, ressalta Paulo Castellari, presidente da Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American.

O Sistema Minas-Rio engloba uma mina de minério de ferro e planta de beneficiamento

em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, respectivamente, no estado de Minas Gerais; um mineroduto de 529 km de extensão e que atravessa 32 municípios mineiros e fluminenses; e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, no qual a Anglo American é parceira da empresa Prumo Logística com 50% de participação, localizado em São João da Barra, no Rio de Janeiro.

Um dos maiores destaques do empreendimento é o depósito mineral em Minas Gerais, tanto em escala quanto em qualidade, com 5,3 bilhões de toneladas de minério de ferro, e uma reserva de 1,45 bilhão de toneladas certificadas. Esses montantes permitem à empresa oferecer ao mercado de pellet feed um produto premium, com teor de 68% após beneficiado, e conferem mais longevidade e competitividade ao Sistema Minas-Rio.

A capacidade de produção do empreendimento será de 26,5 milhões de toneladas anuais de minério de ferro com a conclusão do período de ramp-up. Até o final de 2014, já terão sido produzidas 560 mil toneladas de minério, com a realização de mais dois embarques em dezembro, e em 2015, a previsão de produção é de 11 a 14 milhões de toneladas. Os principais clientes do Sistema Minas-Rio são empresas pelletizadoras do Oriente Médio e da Ásia.

## **NEGÓCIOS NÍQUEL, NIÓBIO E FOSFATOS**

O negócio Níquel mantém uma operação em Niquelândia (GO), com mais de três décadas de operação. A segunda planta, com investimento de US\$ 1,9 bilhão, foi inaugurada em 2011, em Barro Alto (GO), onde também está localizada a mina. O projeto Jacaré, no município de São Felix do Xingú (PA), segue em fase de obtenção das licenças ambientais. O níquel é utilizado principalmente na produção de aço inoxidável, que consome mais de 65% do volume disponível no mercado, além de ter aplicação nas indústrias aeronáutica, de produtos médicos e odontológicos, alimentícia, química e de higiene.

As cidades de Ouvidor e Catalão, ambas em Goiás, concentram as atividades do negócio Nióbio. Atualmente, encontra-se em andamento o projeto BVFR – Boa Vista Rocha Fresca, que prevê a expansão da vida útil da Mina Boa Vista, em Catalão. A construção do projeto foi concluída e o comissionamento está bem avançado. A companhia estima que a primeira produção aconteça no último trimestre deste ano. O nióbio, que tem 91% das reservas naturais concentradas no Brasil, é usado na fabricação de aços especiais. Ele confere alta resistência ao aço, permitindo a produção de placas mais leves com durabilidade maior.

O negócio Fosfatos tem mina e unidade de processamento de produtos fosfatados em Catalão e Ouvidor (GO), no coração da região agrícola brasileira, além de uma unidade de produção próxima ao Porto de Santos, em Cubatão (SP). A empresa fornece fertilizantes fosfatados e insumos para alimentação animal, abastecendo a crescente



agroindústria em todo o País, além de fabricar produtos para fins industriais, como ácido fosfórico, sulfúrico e fluossilícico. A mina de fosfato da Anglo American é a segunda maior produtora de rocha fosfática do País, com capacidade anual de produção de 1,35 milhão de toneladas de concentrado de fosfato (base úmida).

Fonte: Assessoria

**46-14/11/2014**

### **O futuro das agências reguladoras**

Por **Gustavo F. Coelho**

Após os debates eleitorais, polarizados nos dois candidatos finalistas, é possível afirmar que um tema será pauta no mandato a ser iniciado em 1º de janeiro de 2015: as agências reguladoras. Não resta dúvida - tanto para as empresas como para os consumidores - que o governo precisa fortalecê-las a fim de promover o país a um novo patamar de desenvolvimento econômico e social.

O Brasil possui diversas agências reguladoras nacionais relacionadas a setores essenciais. Essas autarquias federais foram introduzidas a partir da segunda metade dos anos 1990 no ordenamento nacional com o intuito de corrigir falhas de mercado, monitorar os agentes econômicos relevantes, garantir a efetividade de políticas públicas de Estado e editar normas de caráter técnico e de modo célere.

As primeiras leis criadoras das agências cultivaram um padrão normativo consistente, em linha com as melhores práticas internacionais da época, permitindo aos estudiosos e profissionais acumular o conhecimento sobre direito regulatório no Brasil. Os investidores nacionais e estrangeiros encontraram nessa nova sistemática a segurança jurídico-institucional desejada para viabilização de investimentos significativos em infraestrutura, demanda histórica do Brasil.

### ***Criação foi feita para viabilizar a regulação eficiente e técnica e manter um ambiente negocial transparente***

Do ponto de vista do consumidor, a curva de aprendizado também foi sentida, com a inicial desconfiança sendo superada pela melhoria sensível em diversos setores. No setor de telecomunicações, por exemplo, a Anatel atuou decisivamente na universalização das telefonia fixa e móvel, terminando com as filas e aluguéis de linhas, aproximando o consumidor da agência reguladora no momento inicial. No setor petrolífero, a ANP trouxe transparência aos preços dos combustíveis nos postos e promoveu rodadas de licitações com geração de diversos empregos pela iniciativa privada e receitas aos cofres públicos.

Contudo, esse histórico nos setores regulados tem sido impactado pelos percalços enfrentados nos últimos anos, gerando descontentamento dos consumidores e

empresariado. Os sintomas são diversos: atraso na nomeação de diretores (com a consequente falta de quórum para decisão das diretorias), aumento da ingerência de secretarias e ministérios nos setores regulados, indícios de captura política de membros das agências, restrições orçamentárias.

A causa parece ser a percepção de que as agências reguladoras independentes representam um modelo que não deveria ser perpetuado ou aprimorado, mas mitigado e adaptado para atender aos interesses dos ministérios (de Governo) em vez das políticas públicas (de Estado).

Alguns casos recentes exemplificam incertezas na regulação no país. No setor petrolífero, o novo marco regulatório do pré-sal deslocou as atribuições da ANP, dando papel secundário à agência. No âmbito da mineração, as atividades foram impactadas por um futuro projeto de marco regulatório, que deverá criar a ANM com desenho similar à ANP (antes das mudanças do pré-sal).

Ou seja, a regulação da mineração deverá reproduzir o desenho institucional do setor petrolífero de 1997, que foi criticado e alterado a partir de 2010. A nova Lei dos Portos também evidencia a miscelânea de desenhos existentes em matéria regulatória, com a submissão de decisões colegiadas da Antaq ao crivo do ministro-chefe da SEP.

A ampla discussão sobre o papel essencial das agências reguladoras para o desenvolvimento digno do Brasil precisa ser conduzida pelo Congresso Nacional na próxima legislatura, e a Presidência da República deverá assumir papel de destaque neste debate legislativo, a fim de resgatar a estrutura inicial de autonomia administrativa, financeira e técnica dessas autarquias federais. Medidas como a promulgação de uma lei geral das agências federais permitiriam a correção de algumas inconsistências no desenho institucional das agências e reforçariam a importância da regulação independente em âmbito federal.

Ademais, competirá ao chefe máximo do Executivo adotar medidas administrativas para fortalecimento e revigoração das agências, tais como a pronta nomeação dos diretores para as vagas vacantes, a adoção de critérios técnicos para escolha desses mandatários (sem preterir profissionais da iniciativa privada) e o incremento razoável do orçamento.

A Constituição Federal consagrou o princípio da subsidiariedade, atribuindo ao Estado o papel regulador e à iniciativa privada a primazia sobre a iniciativa estatal para condução das atividades econômicas. Neste sentido, as agências reguladoras foram concebidas para viabilizar a regulação eficiente e técnica, a fim de manter um ambiente negocial seguro e transparente.

Resta aos brasileiros verificar qual será a atuação do governo federal a partir de 2015: retomar o caminho original de incentivo à efetiva regulação por meio de agências reguladoras independentes ou intensificar a captura política dessas autarquias federais a ponto de transformá-las em entes subordinados aos ministérios.

**Gustavo Flausino Coelho é advogado e mestrando em direito empresarial na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).**

**47-14/11/2014**

## **Piora na economia leva companhias a rever investimentos**

Por **Thais Carrança** | De São Paulo

"Não estamos focados em aumentar volume a qualquer preço", afirmou o presidente da Vale, Murilo Ferreira

Companhias de capital aberto de diferentes setores anunciaram que não devem atingir suas metas de investimento para 2014, ao divulgarem os resultados do terceiro trimestre.

A mineradora Vale e a siderúrgica Gerdau se ajustam à queda de preços do minério de ferro, enquanto a metalúrgica Paranapanema e a fabricante de motores WEG postergam aumentos de capacidade para evitar a ociosidade. A Duratex, fabricante de painéis de madeira e louças sanitárias, responde à deterioração do cenário macro e a produtora de embalagens Klabin busca preservar seus indicadores de endividamento.

Algumas empresas alegam outros motivos para redução, não necessariamente ligados ao cenário econômico. A distribuidora de gás paulista Comgás tem problemas com o adiamento de seu processo de revisão tarifária. O laboratório Fleury reduziu investimentos como resultado de reposicionamento de mercado. Sua concorrente Dasa mantém a aposta na classe média, mas também não deve atingir o aporte projetado.

Para a agência de avaliação de risco Fitch, o reescalonamento de investimentos é uma tendência para as empresas brasileiras em 2015, diante do cenário macroeconômico desfavorável e da cautela do empresariado que espera para ver o tom do novo mandato da presidente Dilma Rousseff.

Já empresas do setor de consumo como Arezzo, Hering e Ambev mantiveram suas perspectivas para o ano, mas olham para 2015 com reticência, diante da perspectiva de manutenção da inflação elevada, com consequente redução da renda disponível.

Maior empresa do país, a Petrobras também não deve escapar de cortes nos planos de investimentos em 2015, dizem analistas. Frente à piora do perfil de endividamento da empresa, com o impacto da desvalorização cambial sobre a dívida em dólar, o mercado espera novo enxugamento no plano quinquenal da petroleira. Neste ano, em fevereiro, o plano de negócios 2014-2018 da estatal já trouxe redução de US\$ 16 bilhões, em relação ao planejamento anterior.

A Vale não deverá atingir a meta de US\$ 14,8 bilhões de investimentos no ano. Em nove meses, a mineradora investiu US\$ 8,2 bilhões, US\$ 2,2 bilhões a menos que em igual período de 2013. O segundo corte feito pela Gerdau nas projeções de aportes para 2014, de R\$ 300 milhões - para R\$ 2,1 bilhões -, inclui a revisão de projetos de expansão na área de mineração. Antes, a empresa já havia reduzido a estimativa em R\$ 500 milhões.

A produtora de cobre Parapanema cortou em R\$ 91 milhões seu plano para 2014, de R\$ 194 milhões, para R\$ 103 milhões. "Estamos priorizando o aumento da utilização da capacidade instalada e afastando novos investimentos em expansão de capacidade até que sejam necessários", segundo a companhia.

A WEG reduziu em ao menos R\$ 92 milhões a previsão de investimento neste ano. "A melhor maneira de não aumentar custos é evitar construir capacidade produtiva que não entra em operação", disse Luis Fernando Oliveira, gerente de relações com investidores. Parte dos investimentos postergados vai passar para 2015, quando a empresa prevê patamar semelhante ao valor revisado deste ano, entre R\$ 450 milhões e R\$ 500 milhões.

#### ***No cenário de enxugamentos generalizados, setor de consumo ainda é um ponto fora da curva***

A Duratex cortou desembolsos "ao mínimo" para este ano e 2015, frente ao "cenário macro bastante deteriorado e sem expectativas de melhora nos próximos meses". Já a Klabin prevê investir R\$ 3,335 bilhões neste ano, contra estimativa anterior de R\$ 3,565 bilhões, com compromisso de não iniciar novos projetos de expansão, para além da nova fábrica de celulose em Ortigueira (PR), que deve consumir boa parte dos R\$ 4,1 bilhões em desembolsos previstos para 2015.

"Não temos como fazer investimentos à frente do ciclo tarifário, focamos nos investimentos que não faria sentido não fazer porque estaríamos perdendo uma oportunidade de negócios", disse o presidente da Comgás, Luís Henrique Guimarães. A distribuidora, com reajuste atrasado desde maio, anunciou redução dos aportes, de R\$ 680 milhões a R\$ 780 milhões, para R\$ 600 milhões a R\$ 700 milhões.

Em processos de reestruturação e de mudanças de acionistas, Dasa e Fleury também devem se contentar com gastos mais modestos. O Fleury reduziu duas vezes suas projeções para 2014, de R\$ 221 milhões para R\$ 150 milhões e, agora, para até R\$ 120 milhões, enquanto foca esforços no segmento premium. A Dasa informou que não atingirá os R\$ 200 milhões planejados.

"A decisão de muitas companhias de reduzir investimentos e focar no mais importante é um passo positivo, considerando o ambiente desfavorável do Brasil", avalia o diretor executivo da Fitch, Joe Bormann. "Esse tipo de medida será tomada por empresas que querem manter seu perfil de crédito corporativo", afirma.

Em relatório desta semana, a agência previu que rebaixamentos de notas de crédito de empresas brasileiras devem superar elevações à proporção de dois para um em 2015. As notas classificam a capacidade das companhias de honrar dívidas, influenciando no custo de captação.

Ameaçada de rebaixamento, a Petrobras tem na redução de aportes uma das alternativas para trazer seus fluxos de caixa a níveis sustentáveis. "Apesar de a Petrobras ter atingido um ponto de inflexão positivo em relação ao crescimento da produção, a racionalização dos investimentos e uma política de preços clara para os combustíveis também são necessárias para uma melhoria significativa dos fundamentos", escreveram analistas do Santander.

Neste cenário de enxugamentos generalizados, empresas ligadas ao consumo são o ponto fora da curva. Em ano de Copa do Mundo e com aumento de carga tributária postergado, a Ambev deve fechar o ano com investimentos semelhantes aos R\$ 2,8 bilhões do ano passado, apesar de ter dito em julho que seus gastos ficariam abaixo da meta.

A Arezzo deve desembolsar acima do projetado, cerca de R\$ 45 milhões, mas já prevê gastos menores em 2015, de até R\$ 35 milhões. Por outro lado, a Renner considera adiar parte de seus investimentos de R\$ 532 milhões para 2015, como a inauguração de um novo centro de distribuição, e considera "urgente" a necessidade de mudanças no governo, para evitar deterioração maior do cenário econômico.

A Hering vai manter gastos em torno de R\$ 100 milhões, apesar da decisão da companhia de reduzir a meta de abertura de lojas no ano de cem para 75. Em sentido oposto, a Lojas Americanas anunciou na terça-feira plano de abertura de 800 lojas em cinco anos, com aportes de R\$ 4 bilhões no período, tendo como estratégia a expansão territorial.

**48-14/11/2014**

### **Entrave para CSN na expansão de Casa de Pedra** Por **Marcos de Moura e Souza** | De Congonhas (MG)

Um clima de pânico se instalou em um bairro da cidade de Congonhas do Campo, em Minas Gerais, por conta de um projeto de expansão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A siderúrgica quer ampliar uma barragem de rejeitos de minério de ferro. Para os moradores, há o risco de o bairro ser engolido no caso de rompimento da estrutura. O prefeito José de Freitas Cordeiro (PSDB) decidiu encampar as queixas da população e está batendo o pé contra a obra.

A decisão se transformou em um grande incômodo para a empresa. O plano de aumento de produção de sua mina na cidade, a Casa de Pedra, depende de uma barragem maior.

Das cerca de 26 milhões de toneladas de minério produzido por ano, o objetivo é chegar a 40 milhões de toneladas. A direção da companhia fala que vai buscar dialogar melhor para convencer a todos de que a obra não trará nenhum risco. Mas, por enquanto, seus planos são tratados como uma ameaça na cidade.

"Pânico, pânico, pânico. Esse era o clima. Tinha moradores vendendo suas casas. As pessoas estavam com medo de a represa estourar. Houve recentemente, próximo a [cidade de] Itabirito, o rompimento de uma represa e isso aumentou ainda mais o pânico dos moradores daqui", disse ao **Valor** o prefeito de Congonhas. O acidente na cidade mineira de Itabirito, na barragem de uma pequena mineradora, ocorreu em setembro.

"Sei da responsabilidade da CSN, sei que tem uma fiscalização muito grande sobre essas represas. A gente sabe que tecnicamente pode estar perfeito. Agora, o que me levou a tomar essa posição foi esse pânico que se criou entre os moradores", disse o prefeito tucano. Há 20 dias, Cordeiro participou de audiência pública ocorrida no bairro Residencial, que é vizinho a uma das laterais da barragem. E lá afirmou, pela primeira vez, que era contra as obras. Segundo ele, havia cerca de 500 pessoas na reunião, ou um terço do bairro.

O que a CSN quer é erguer mais dez metros de "paredes" no alto da barragem para que ela comporte mais água com o rejeito de minério de ferro extraído de Casa de Pedra. A altura original era de 923 metros acima do nível do mar. Subiu para 933 metros, num primeiro processo de aumento, que ficou pronto em meados deste ano, e agora a ideia é que chegue a 944 metros. A empresa prevê ainda um último aumento da barragem, para 954 metros, mas isso ainda não está em discussão.

Quem está nas ruas da parte baixa do bairro Residencial e olha a rampa coberta de baixa vegetação que serve de um dos paredões da lagoa de rejeito parece conviver com a dúvida. "O pessoal fica com aquela cisma se isso não vai cair", disse Irene Maria dos Santos, de 58 anos e há 20 no bairro. "Se aumentarem, a gente que não conhece muito as coisas, olha lá para cima e fica com mais medo."

Um dos moradores que mobilizam o bairro contra a obra é Rodrigo Ferreira da Silva. Ele disse que os imóveis se desvalorizaram por causa da elevação da barragem, do medo das pessoas. E se queixa da postura da empresa. "A gente nunca foi consultado."

A CSN é a maior empregadora da cidade. Dos 6 mil trabalhadores, diretos e indiretos, cerca de dois mil são de Congonhas. É também a maior contribuinte de royalties, o Cfem. De janeiro a outubro contribuiu com R\$ 25,08 milhões à cidade. Há alguns anos, a empresa também se viu numa disputa na cidade envolvendo a expansão da mina em um morro que serve de pano de fundo da basílica ornada com os profetas de Aleijadinho. A CSN atendeu às demandas locais e disse que conseguiu conciliar seus planos de produção ao novo cenário.

Quem está agora na linha de frente na discussão sobre a barragem em Congonhas é Newton Augusto Viguetti Filho. O executivo é o gerente-geral de Meio Ambiente da CSN e reconhece que há necessidade de a empresa se comunicar melhor com a cidade. "Entendemos que falta esclarecimento da parte técnica", disse. "O que nos surpreende talvez sejam certas posturas antes mesmo que a gente consiga estabelecer um diálogo."

Viguetti afirma que a face da barragem adjacente ao bairro é formada por um morro natural, o que diminui muito o risco de um derramamento de água ou rejeito sobre o bairro. Hoje o que há ali é mais rejeito do que água, diz o gerente. Segundo ele, em 2005, a empresa obteve dos órgãos ambientais de Minas Gerais uma licença prévia - com a aceitação da prefeitura de Congonhas -- para as obras de expansão de Casa de Pedra, uma licença que incluía a ampliação da barragem.

A equipe do prefeito diz que empresa precisa de uma declaração de conformidade do município para elevar as paredes da barragem. É isso que o prefeito não quer dar. A CSN, no entanto, já solicitou licença de instalação a Supram, órgão regional de Meio Ambiente. A expectativa é obter essa licença em um ano. Há uma discordância entre prefeitura, Estado e a empresa sobre até que ponto Congonhas pode travancar o processo. Na CSN há uma preocupação em não comprar briga política que possa acabar alimentando uma campanha contra sua imagem.

Viguetti diz que a CSN quer evitar que o episódio vire uma disputa nos tribunais. "Vamos conversar com o prefeito e esgotar ao máximo o diálogo", afirmou.

**49-14/11/2014**

**CSN sai de lucro para prejuízo de R\$ 250,1 milhões no 3º trimestre**

Por **Daniela Meibak** | Valor

**SÃO PAULO** - Atualizada às 09h17

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) saiu de lucro para prejuízo de R\$ 250,1 milhões no terceiro trimestre de 2014 frente a igual intervalo do ano passado. A receita líquida da companhia ficou em R\$ 3,88 bilhões no trimestre, 16,7% menor que a registrada um ano antes. Os custos de bens e serviços vendidos recuaram 10,7%, para R\$ 2,91 bilhões.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) ajustado atingiu R\$ 977 milhões no terceiro trimestre, 40,9% menor que o de 2013. O número exclui o resultado de participação em investimentos e o resultado de outras receitas, acrescido do Ebitda proporcional das controladas em conjunto Namisa, MRS Logística e CBSI.

A despesa financeira líquida saltou 58,2%, para R\$ 944,4 milhões. O número teve efeito dos juros sobre contingências que foram incluídas no Refis e variações monetárias cambiais.

No fim do terceiro trimestre, a dívida líquida era de R\$ 17,6 bilhões, praticamente estável na comparação anual. Frente à posição de junho, o volume aumentou 5,5%. A relação dívida líquida e o Ebitda ajustado saiu de 2,7 vezes em junho para 3,2 vezes em setembro.

### **Queda nas vendas**

As vendas de aço da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no terceiro trimestre de 2014 caíram 17% na comparação anual, para 1,27 milhão de toneladas. Do total, 72% foram distribuídos no mercado interno, 25% por subsidiárias no exterior e 3% destinado a exportação.

A receita líquida média por tonelada de aço no trimestre foi de R\$ 2.130. As vendas do minério de ferro subiram 0,5% na mesma base de comparação, para 7,72 milhões de toneladas. A totalidade do minério foi vendida para o mercado externo.

A empresa destacou o volume recorde dos embarques de minério de ferro pelo terminal próprio Tecar, que totalizou 24,4 milhões de toneladas nos primeiros nove meses de 2014, um crescimento de 23% sobre o mesmo período do ano anterior.

*(Daniela Meibak | Valor)*